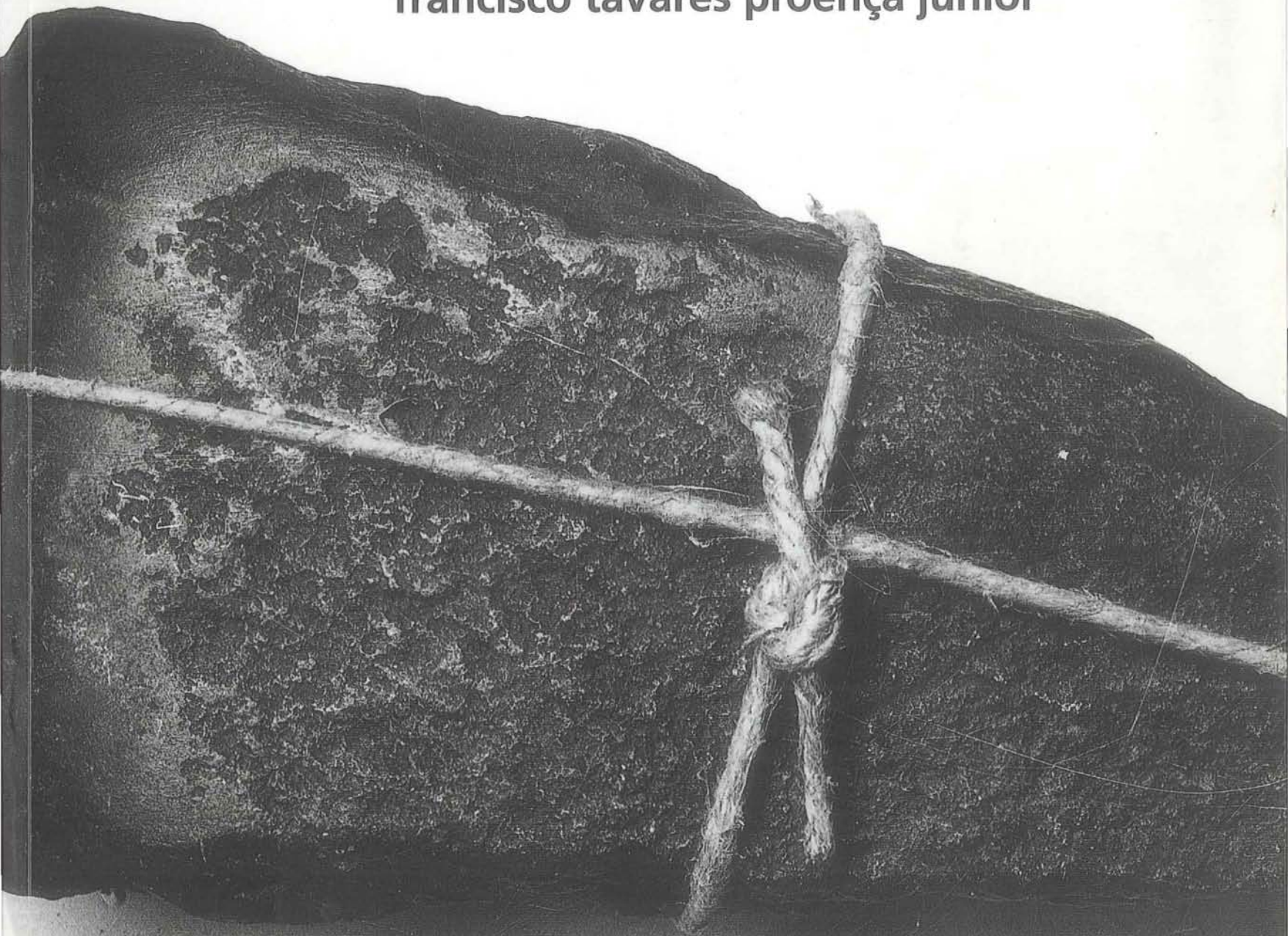


**arqueologia:**  
coleccões de  
francisco tavares proença júnior



## Título

**Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior**

## Comissariado e Coordenação Científica

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior**  
**Ana Margarida Ferreira**

## Coordenação Editorial

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior**  
**Ana Margarida Ferreira**

## Com a colaboração de

**Maria Eduarda Rodrigues**

(Catalogação dos manuscritos e organização das listas de referências bibliográficas)

## Instituto Português de Museus / Divisão de Divulgação e Formação

**Maria Amélia Fernandes**

## Investigação e Textos

**Sónia Abreu, Jorge de Alarcão, Ida Buraca, João Carlos Caninas, João Luís Cardoso, Virgílio Hipólito Correia, José Cristóvão, Patrícia Dias** (fichas não assinadas), **Carlos Fabião, Luísa Fernandinho, Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Francisco Henriques, Jorge de Oliveira, Luís Raposo, Ana Maria Silva, Ana Catarina de Sousa, Raquel Vilaça**

## Fotografia

**Instituto Português de Museus / Divisão de Documentação Fotográfica**

## Coordenação:

**Vitória Mesquita e José Pessoa**

## Fotógrafo:

**José Pessoa assistido por José António Moreira (p. 141 a 241)**

## Arquivo Particular do Dr. António Abrunhosa

## Fotógrafo:

**Francisco Tavares Proença Júnior** (capa; pp. 4/5, p. 21, p. 30, p. 33, p. 37 (fig. 1), p. 51, pp. 56/57, p. 67, p. 87, p. 136, p. 261, pp. 262/263; fotobiografia: figuras – 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 24, 25, 26, 27 e 28), **fotógrafo não identificado** (fotobiografia: figuras – 6, 10, 19 e 29)

## Desenho de peças arqueológicas

**José Luís Madeira** (p. 59, fig. 5), **Maria Fernanda de Sousa** (p. 104 a 110), **Ana Neves** (fig. 18, p. 111), **Marco Andrade** (fig. 19, p. 111)

## Design Gráfico

**Vera Velez**

## Pré-impressão

**Jacinto Guimarães**

## Impressão e acabamento

**Coelho Dias, SA**

## Edição

© **Instituto Português de Museus**

1.ª edição, Dezembro de 2004

Tiragem 1000 ex.

ISBN 972-776-257-3

Depósito legal 219246/04

## Museologia

**Ana Margarida Ferreira**

## Coordenação

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior**  
**Ana Margarida Ferreira**

## Instituto Português de Museus / Divisão de Projectos e Obras

**Maria Manuela Fernandes, João Herdade**

## Produção

**Cláudia de Noronha Barata**

## Com a colaboração de

**Sónia Abreu, Patrícia Dias**

## Investigação

**Jorge de Alarcão, Ida Buraca, João Carlos Caninas, João Luís Cardoso, Virgílio Correia, José Cristóvão, Patrícia Dias, Carlos Fabião, Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Francisco Henriques, Jorge de Oliveira, Luís Raposo, Ana Maria Silva, Ana Catarina de Sousa, Raquel Vilaça**

## Projecto de Arquitectura e Equipamento

**Bak Gordon Arquitectos**

## Projecto de Electricidade e Segurança

**António Trindade, Serviços de Engenharia Electrotécnica e Electrónica, Lda.**

## Design Gráfico

**Vera Velez**

## Impressão

**TRJ PRINT**

## Conservação e restauro

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior**

**José Barata, Júlia Bispo, Patrícia Dias, Manuela Serra**

**Museu Nacional de Machado de Castro**

**Telma Teixeira**

**Francisco Pato de Oliveira**

**Laboratório do Museu Monográfico de Conimbriga (n.º 252 e 253)**

## Execução da obra

**Sociedade de Construções José Moreira, Lda.**

## Execução do Equipamento

**Nautilus Indústria e Comércio de Mobiliário, Lda.**

## Iluminação

**Astratec – Electricidade e Iluminação Técnica, Lda.**

## Montagem da exposição

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior – Sónia Abreu, José da Conceição Antunes, António Veríssimo Bispo, Patrícia Dias, Adélino Pereira Marques**

**Nautilus – Jorge Silva, Manuel Fernando Soares, Joaquim Vieira**

**Bak Gordon Arquitectos – Ricardo Bak Gordon, Nuno Matos**

**Astratec – Maria João Correia**

## Audiovisual

**Olga Ramos**

## Programação de actividades

**Museu de Francisco Tavares Proença Júnior / Serviço Educativo**

**Celeste Ribeiro**

## Divulgação

**Cristina Ribeiro**

## FILME

### Título

**Francisco Tavares Proença Júnior, Arqueólogo, Archéologue**  
**Uma conversa com Ana Margarida Ferreira e Carlos Fabião**

### Realização

**Olga Ramos**

### Coordenação

**Ana Margarida Ferreira**

### Guião

**Carlos Fabião, Amélia Fernandes, Luisa Fernandinho, Ana Margarida Ferreira, Olga Ramos**

### Produção

**Lunática Filme e Vídeo**

Duração: **28 minutos**

### Com

**Sónia Abreu, José da Conceição Antunes, Júlia Bispo, Patrícia Dias, Ana Margarida Ferreira, José Varanda Ribeiro, Maria do Rosário Santos – Museu de Francisco Tavares Proença Júnior**

### Carlos Fabião

Arqueólogo e Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

### Jorge Silva, Manuel Fernando Soares, Joaquim Vieira

Nautilus – indústria e comércio de mobiliário, Lda.

### Ricardo Bak Gordon, Nuno Matos

Bak Gordon Arquitectos

### Maria João Correia

Astratec – electricidade e iluminação técnica, Lda.

### Joana Chambino

Prolimpe, serviços de limpeza

### Cabeleireiras

**Andreia Pires, Rute Gonçalves**

### Fotografia

**Ricardo Rezende, João Ribeiro**

### Câmara

**João Ribeiro**

### Som

**António Pedro Figueiredo**

### Montagem

**Olga Ramos**

### Pós-produção

**Ricardo Rezende**

### Tradução

**Jonelle Weinrich**

### Edição

© Instituto Português de Museus

Dezembro de 2004

**Proibida toda a reprodução, cópia total ou parcial em qualquer formato, exibição pública por qualquer meio e venda ou cedência a terceiros sem autorização do Instituto Português de Museus.**

Tiragem 1000 DVD

**Este filme inclui documentos originais e fotografias da autoria de Francisco Tavares Proença Júnior que integram actualmente o arquivo particular do Dr. António Abrunhosa a quem devemos um especial agradecimento, pelo empréstimo destes materiais.**

### Agradecemos a

Adelino Pereira Marques, Adília Alarcão, Amélia Fernandes, Anabela Carvalho, António Abrunhosa, António José Granjeira, António Silveira, António Veríssimo Bispo, Francisco Henriques, Joaquim Salgueiro, José Carlos Gonçalves, José Luís Almeida, José Sarreira Monteiro, José Tomás Féria, Leonel Azevedo, Manuel Maria Correia Botelho e família, Taciana Abrunhosa

Centauro Internacional – Trocadores de Calor Lda.,  
Centro de Formação Profissional de Castelo Branco, Hospital Amato Lusitano,  
Instituto Politécnico de Castelo Branco, Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz),  
Museu Nacional de Machado de Castro

e a todas as pessoas e instituições que, das mais diversas formas, contribuíram para a realização deste projecto.

### Apoios



Fundo Europeu de  
Desenvolvimento Regional



Programa  
Operacional  
Cultura

### MUSEU DE FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

Largo Dr. José Lopes Dias

6000-462 Castelo Branco

PORTUGAL

Tel.: 272-34.42.77 Fax: 272-34.78.80

E-mail: mftjp@ipmuseus.pt Internet: www.ipmuseus.pt

### LISTA DE SIGLAS

AEAT: Associação de Estudos do Alto Tejo

ARCINPE: Associação Regional Arqueológica de Defesa do Património dos Concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor

CMFPJ-A: Coleção de Manuscritos de Francisco Tavares Proença Júnior – Avulso

CMFPJ-E: Coleção de Manuscritos de Francisco Tavares Proença Júnior – Encadernado

CNRS: Centre National de la Recherche Scientifique

CTHS: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques

DGEMN: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

EAM: Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego

FCSH: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

GEPAA: Grupo para o Estudo do Património Artístico Arqueológico

IPA: Instituto Português de Arqueologia

IPAMB: Instituto de Promoção Ambiental

IPPAR: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico

IPJ: Instituto Português da Juventude

IPM: Instituto Português de Museus

IPPC: Instituto Português do Património Cultural

MFTPJ: Museu de Francisco Tavares Proença Junior

MNA: Museu Nacional de Arqueologia

MNAE: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

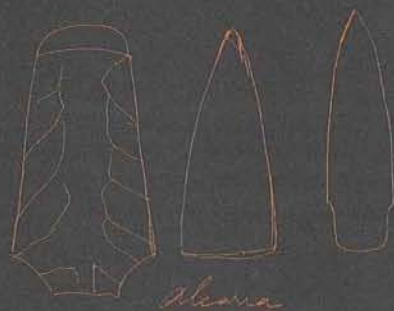
NRRIA: Núcleo Regional de Investigação Arqueológica

UCL: University College of London

UNIARQ: Unidade de Arqueologia do Centro de História da Universidade de Lisboa

A necrópole do Neolítico final  
de Pragais, Porto de Mós:  
velhos dados, novas leituras

Ana Catarina Sousa



Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

## 1. Tavares Proença Júnior e a investigação arqueológica na Alta Estremadura de inícios do século

As estadias de Francisco Tavares Proença Júnior na sua propriedade da Quinta da Cortiça, próxima de Leiria, foram o ponto de partida para várias «incursões» na zona, maioritariamente direccionadas para o concelho de Porto de Mós, em pleno Maciço Calcário Estremenho. Esta actividade foi desenvolvida fundamentalmente entre 1906 e 1910, embora a investigação de Tavares Proença possa remontar a 1903, quando efectuou levantamentos no Castelo de Porto de Mós (RUIVO, 1999).

A zona da Alta Estremadura foi uma das áreas privilegiadas para a pré-história de finais do século XIX, inícios do século XX. Vieira de Natividade em Alcobaca, Santos Rocha na Figueira da Foz, Rio Maior e Porto de Mós, Nery Delgado em Peniche, construíram a imagem do «Homem Pré-Histórico» da época.

Nas anotações de Tavares Proença Júnior sobre as recolhas efectuadas em Alcaria e Alvados (Porto de Mós), Santos Rocha é o único arqueólogo citado. A referência a esse autor faz-se de uma forma antagónica, citando e criticando investigações de Santos Rocha na região, nomeadamente na Caverna da Fórnea (Lapa da Mouração). Também na extensa nota dedicada ao *tholos* do Barro este antagonismo é bem evidente, assumindo aqui uma particular acutilância.

As várias recolhas de materiais e de informações na zona de Leiria teriam como objectivo a realização de um estudo de carácter regional (à semelhança do que foi efectuado em Castelo Branco), respondendo a um convite de José Leite de Vasconcellos (RUIVO, 1999: 134). Tavares Proença Júnior equaciona mesmo a instalação de um Museu de Arqueologia em Leiria (PROENÇA JÚNIOR, 1910c).

As «expedições» na zona de Porto de Mós terão envolvido contactos pessoais com a população local, tal como parece ter sucedido com o professor de Alvados e o de Alcaria que o levaram até Pragais, lhe entregaram peças provenientes desse sítio, bem como abundantes artefactos de pedra polida recolhidos na zona.<sup>1</sup>

Estas iniciativas de investigação e de gestão do património arqueológico de Leiria ficaram naturalmente suspensas com a implantação da República e o início da «aventura monárquica» com Paiva Couceiro. Ficou assim por cumprir a publicação dos importantes trabalhos de Tavares Proença Júnior na área de Porto de Mós.

Nas publicações efectuadas por Tavares Proença Júnior, denota-se um cuidado na forma e conteúdo que talvez indique que as investigações de Leiria se encontravam num estado incipiente quando foram abandonadas.

Assim, das «expedições científicas» de Tavares Proença Júnior em Porto de Mós restam as suas notações de campo e as peças que integraram o acervo do Museu de Castelo Branco, base do presente trabalho. Para a área de Leiria foi apenas publicada uma notícia de achados paleolíticos (PROENÇA JÚNIOR, 1910e).

As notas de campo apresentadas em anexo reflectem o carácter descontínuo da sua investigação: Nota de campo n.º 1: 1/7/1906; n.º 2: 1/7/1906, n.º 3: 1907-1910. Registam-se ainda algumas referências a artigos do primeiro volume do *Archeologo Português*, onde o autor analisa criticamente referências a sítios daquela região.

A história da investigação de Tavares Proença Júnior na área de Leiria foi analisada anteriormente (RUIVO, 1999), restringindo-se o presente trabalho ao estudo do conjunto de Pragais, uma necrópole datada do Neolítico final / Calcolítico (o único sítio desta área efectivamente escavado por Tavares Proença Júnior) e à sua contextualização na zona de Porto de Mós, Serra d'Aire e Candeeiros.

O resultado das investigações de Tavares Proença Júnior em Pragais passou quase despercebido da bibliografia arqueológica. As recolhas e os levantamentos efectuados em Porto de Mós permaneceram completamente inéditos durante 63 anos sendo apenas noticiados por um curto artigo de Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida (ALMEIDA e FERREIRA, 1970). A primeira publicação deste notável conjunto artefactual não refere as notações de campo de Tavares Proença Júnior, referindo-se apenas ao carácter dúbio do contexto de recolha.

Este quase esquecimento manteve-se nos recentes projectos de investigação na área, sendo sistematicamente omitidos, muito embora estes estejam direccionados para períodos cronológicos mais recuados (Paleolítico superior, Epipaleolítico, Neolítico antigo).

## 2. Reconstituição dos contextos

A natureza dos materiais recolhidos e as notas de campo de Tavares Proença Júnior são absolutamente esclarecedoras acerca do carácter funerário de Pragais. Contudo, o carácter lacónico das notas de campo dificulta a atribuição inequívoca a uma determinada tipologia sepulcral.

Deparámo-nos assim com indicadores e variáveis que podem ser interpretados de várias formas:

1. as breves anotações de campo de Tavares Proença Júnior depositadas no Arquivo do Museu Tavares Proença Júnior;
2. a análise comparativa com as necrópoles da área de Maciço Calcário Estremenho efectuada através da compilação de referências bibliográficas, nomeadamente o inventário efectuado para o Parque Natural de Serra d'Aire e Candeeiros (ARAÚJO e ZILHÃO, 1991), os trabalhos de António Faustino de Carvalho e a base de dados *on-line* do IPA, onde se listam muitos novos sítios e trabalhos de escavação recentes.
3. trabalhos de terreno para realocação do sítio, dificultados pela ausência de elementos cartográficos e/ou fotográficos. Foi efectuado em Outubro de 2001 um reconhecimento de campo de acordo com as anotações de campo e segundo as indicações recolhidas por Telmo Gomes na zona de Porto de Mós.

#### 4. estudo do espólio e a respectiva integração cronológico-cultural.

Estes indicadores podem assim esclarecer se se trata de uma necrópole em gruta natural, uma gruta artificial, uma anta, de um *tholos* ou de uma sepultura de outra tipologia.

Os cadernos de campo de Tavares Proença Júnior são bastante lacónicos na localização exacta do sítio de Pragais.

Contudo, podemos verificar que é bastante claro que as recolhas se realizaram em «campo aberto». A descrição do local das descobertas é efectuada por duas vezes: na descrição da descoberta da necrópole e no relato dos seus próprios trabalhos de escavação.

Segundo esta descrição, datada de 25/02/1907, o sítio de Pragais foi descoberto circunstancialmente durante a lavoura: «O Vieira, dono do terreno fez, por diferentes vezes deante de todos nós a descrição do modo como achou a sepultura. Andava em 1905 preparando terra para a sementeira quando de envolto com a terra levantada pelas enxadas apareceram alguns pedaços d'ossos.» (PROENÇA JÚNIOR, 1910d).

Foi neste terreno, descrito graficamente com um *croquis*, que Tavares Proença realiza uma escavação em 1910: «Comecei a exploração com 8 homens no local que o dono do terreno me indicou, em A. Começaram a aparecer ossos partidos misturados na terra pois a terra foi já cavada duas ou mais vezes desde 1905, data da descoberta. Numa extensão de 5 metros numa faixa de 4 metros de largura continuaram a aparecer pedaços d'ossos e, de vez em quando, uma ou outra faca de sílex» (PROENÇA JÚNIOR, 1910d).

Estas descrições e o *croquis*, apenas parecem afastar a hipótese de se tratar de uma gruta, mantendo-se em aberto a natureza da sepultura.

Independentemente do posicionamento exacto de Pragais, importa enquadrar este sítio numa escala mais ampla, a nível local e regional. Pragais situa-se no espaço do «Parque Natural da Serra d'Aire e Candeeiros», localizando-se administrativamente no concelho de Porto de Mós, freguesia de Alcaria.

A Serra d'Aire constitui um dos componentes do Maciço Calcário Estremenho, maciço que se «desenvolve acima dos 200 metros, dominando as regiões circunvizinhas. É constituído por três compartimentos mais altos – a serra dos Candeeiros, o planalto de Santo António e a serra d'Aire –, separados pelas depressões de Minde-Alvados e da Mendiga» (GONÇALVES e PEREIRA, 1974-77: 50). O maciço apresenta morfologia cársica apresentando aptidões pastoris e cinegéticas.

É na depressão de Minde-Alvados que se situa o sítio de Pragais. A zona do arrife, falha que separa o Maciço Calcário Estremenho da Bacia Terciária do Tejo apresenta uma especificidade geomorfológica, verificando-se aqui a presença de solos agricultáveis e densamente irrigados. É justamente nesta zona que se concentram os povoados de Neolítico antigo (CARVALHO, 1998b).

Em pleno maciço calcário, são numerosas as formas cársicas: grutas e algares ocupados desde o Paleolítico médio. No 4.º e 3.º milénios a.C., a maior parte das necrópoles da região são justamente efectuadas em grutas naturais (22 grutas-necrópoles, correspondendo a 91,6 % das necrópoles da área).

Neste contexto, seria compreensível que o conjunto de Pragais correspondesse a uma utilização funerária de uma cavidade cársica, hipótese sustentada por Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida aquando da primeira publicação de Pragais: «Há uma indicação, junta ao espólio, que nos diz terem sido encontradas essas peças numa sepultura, mas, pela pátina das mesmas e, sobretudo, pelas concreções ferruginosas que apresentam nos parece mais terem vindo duma gruta da região que duma sepultura de tipo dolménico» (ALMEIDA e FERREIRA, 1970: 257). Esta hipótese fica seguramente afastada quando a confrontamos com os cadernos de campo de Proença Júnior.

Numa outra perspectiva, José Ruivo coloca a hipótese do sítio de Pragais corresponder a uma sepultura megalítica ortostática: «inclinamos mais para a hipótese de se tratar de uma sepultura megalítica, cujos esteios tenham sido arrancados antes da escavação de Tavares Proença» (RUIVO, 1999: 127). Este autor refere ainda a notícia de uma anta destruída junto a Alcaria em inícios do século.

Em toda a Estremadura, o Megalitismo ortostático constitui uma porção diminuta nos contextos funerários do Neolítico e Calcolítico. Este facto poderá ter sido potenciado pelo maior impacto antrópico na zona e pela maior fragilidade dos monumentos em calcário. Na área da Maciço Calcário Estremenho, a Anta das Alcobertas (Alcobaça) e a destruída Anta da Fonte do Moreira (Alcanena) são os únicos exemplares dolménicos da região, evidenciando decerto destruições antigas e atestando a introdução de simbologias e espaços da morte e do sagrado das primeiras sociedades camponesas.

A natureza dos trabalhos desenvolvidos por Tavares Proença Júnior no megalitismo de Castelo Branco parece pouco consentâneo com uma omissão deste tipo nas anotações de campo. Recorde-se que Tavares Proença ensaia mesmo uma ficha de classificação dos dolmens portugueses (PROENÇA JÚNIOR, 1906), criando até uma categoria de «integridade» classificada de *Intacta*, *Profanada*, *Vazia*, *Destruída*. O carácter sistemático da publicação da Anta da Urgueira (PROENÇA JÚNIOR, 1909), evidencia uma abordagem inovadora, referindo-se mesmo «causas de deterioração do monumento», uma descrição circunstanciada de todos os elementos pétreos e a sua leitura estratigráfica.

QUADRO 1: NECRÓPOLES DO MACIÇO CALCÁRIO ESTREMENHO

Sítio	Concelho	Cronologia	Tipo	Ref. Bibliográficas	Trabalhos
Ventas do Diabo	Porto de Mós	Neolítico - Calcolítico	Gruta	VEIGA, 1981; ARAÚJO e ZILHÃO, 1991	Sup.
Lapa da Mouração	Porto de Mós	Neolítico - Calcolítico	Gruta	ROCHA, 1907 ARAÚJO e ZILHÃO, 1991	Esc. antiga
Covão do Poço	Porto de Mós	Neolítico - Calcolítico	Gruta	CAVALHO, ANTUNES-FERREIRA e VALENTE, 2003	Esc. recente
Ribeira Branca	Torres Novas	Neolítico - Calcolítico	G. Artificial	FERREIRA, 1966; ARAÚJO e ZILHÃO, 1991	Esc. antiga
Buraca da Moura	Torres Novas	Neolítico - Calcolítico	Gruta	ARAÚJO e ZILHÃO, 1991; IPA	Esc. antiga
Gruta das Lapas	Torres Novas	Neolítico - Calcolítico	Gruta	ARAÚJO e ZILHÃO, 1991	Sup.
Necrópole das Lapas	Torres Novas	Neolítico - Calcolítico	G. Artificial	ALMEIDA e FERREIRA, 1959	Sup.
Lapa da Modeira	Torres Novas	Neolítico - Calcolítico	Gruta	FERREIRA, 1966; LEITÃO e FERREIRA, 1981; ARAÚJO e ZILHÃO, 1991	
Lapa da Bugalheira	Torres Novas	Neolítico - Calcolítico	Gruta	PAÇO, ZBYSZEWSKI, FERREIRA, 1971; IPA	Esc. antiga + recentes
Lapa dos Namorados	Torres Novas	Neolítico médio	Gruta	ARAÚJO e ZILHÃO, 1991; IPA	Sup.
Fonte da Moreira	Alcanena	Neolítico - Calcolítico	Anta	IPA	Esc. antiga
Algar do Barrão	Alcanena	Neolítico	Gruta	CARVALHO, ANTUNES-FERREIRA e VALENTE, 2003	Esc. recente
Gruta da Marmota	Alcanena	Neolítico médio	Gruta	GONÇALVES, 1972	Esc. recente
Lapa da Galinha	Alcanena	Neolítico - Calcolítico	Gruta	SÁ, 1959 IPA	Esc. antiga
Carrascos	Alcanena	Neolítico médio	Gruta	GONÇALVES e PEREIRA, 1974-77	Esc. antiga+ recente
Anta das Alcobertas	Rio Maior	Neolítico - Calcolítico	Anta		Esc. antiga
Buraca da Moura	Rio Maior	Neolítico - Calcolítico	Gruta	ARAÚJO e ZILHÃO, 1991	Esc. recente
S. da Luz 1	Rio Maior	Neolítico - Calcolítico	Gruta	CARDOSO, FERREIRA, CARREIRA, 1996	Esc. antiga
S. da Luz 2	Rio Maior	Neolítico - Calcolítico	Gruta	CARDOSO, FERREIRA, CARREIRA, 1996	Esc. antiga
Cadoiço	Alcobaça	Neolítico	Gruta	NATIVIDADE, 1899-1903	Esc. antiga
Cabeço da Ministra	Alcobaça	Neolítico - Calcolítico	Gruta	NATIVIDADE, 1899-1903	Esc. antiga
Cova das Lapas	Alcobaça	Neolítico	Gruta	GONÇALVES, 1989	Esc. recente
Carvalho de Aljubarrota	Alcobaça	Neolítico - Calcolítico	Gruta	NATIVIDADE, 1899-1903; CUNHA e NETO, 1958	Esc. antiga
Lagoa do Cão	Alcobaça	Neolítico	Gruta	NATIVIDADE, 1899-1903	Esc. antiga
Vale do Touro	Alcobaça	Neolítico	Gruta	NATIVIDADE, 1899-1903 CUNHA e NETO, 1958	Esc. antiga
Alcobertas	Alcobaça	Neolítico	Gruta	SANTOS, ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1971	Esc. antiga
Lugar do Canto	Santarém	Neolítico - Calcolítico	Gruta	LEITÃO et al. 1987	Esc. recente
Pragais	Porto de Mós	Neolítico - Calcolítico	Ind.		Esc. antiga

Se as antas representam, aparentemente, um papel secundário nos contextos funerários do Maciço Calcário, as grutas artificiais assumem um papel quase desconhecido, uma vez que os sítios referenciados correspondem a achados isolados, algo equívocos (Ribeira Branca e necrópole das Lapas), não existindo qualquer monumento escavado e claramente identificado. Os limites setentrionais de grutas artificiais são ainda desconhecidos e considerando a sua difícil detecção, este será um domínio em aberto na investigação arqueológica da Estremadura.

É possível que Tavares Proença não conhecesse a morfologia sepulcral de uma gruta artificial (apenas sumariamente detectada por Carlos Ribeiro na Folha das Barradas e no Casal do Pardo). Contudo, a tipologia dos sepulcros de falsa cúpula era conhecida de Tavares Proença, como podemos verificar nas suas notas sobre o *tholos* do Barro, encontrando-se portanto habilitado para a sua iden-

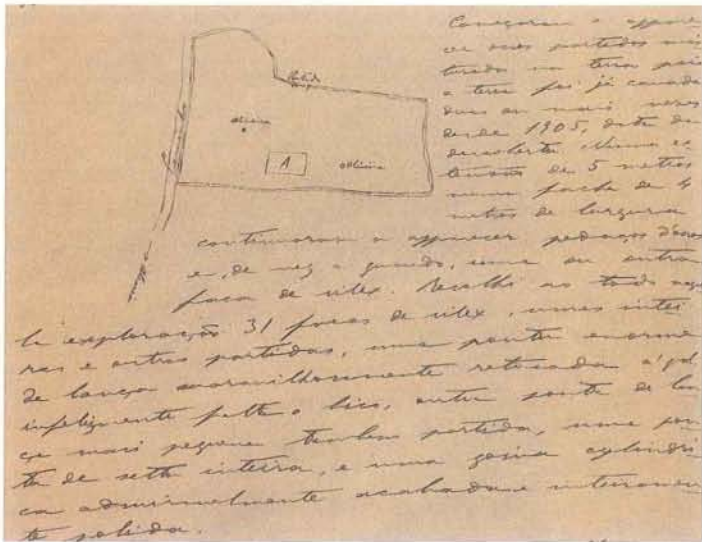


Figura 1 – Localização do sítio de Pragais de acordo com croquis de Proença Júnior (1910d: 51).

Figura 2 – Aspecto da depressão de Minde-Alvados.



tificação. Aliás, para os *tholoi* sucede uma situação semelhante às grutas artificiais, no que se refere à sua distribuição geográfica na Estremadura, constituindo o *tholos* do Pai Mogo como o monumento com o posicionamento mais setentrional nesta região. Poder-se-á equacionar também a hipótese de se tratar de uma necrópole não estruturada, à semelhança da sepultura do Sorraia (VICENTE, ANDRADE e DIAS, 1974) e de Vila do Bispo, locais onde também foram recolhidas placas de xisto. Para compreender estes indicadores foi ensaiado um pequeno reconhecimento de terreno em Outubro de 2002. A equipa de prospecção constituída pela signatária e por 3 estudantes da variante de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Marco Andrade, Marisa Cardoso e Telmo Gomes) procurou situar o local descrito por Tavares Proença Júnior. As indicações disponíveis são muito escassas. A única referência de enquadramento espacial situa o local face à Gruta da Fórnea (Lapa da Mouração): «Há no monte fronteiro a celebre caverna da Fórnea já representada no Homem da Figueira e representada por S. Rocha no *Boletim* (25/02/1907)». Portanto, do local onde se situa a necrópole de Pragais avistar-se-ia a Fórnea. Na cartografia actual existe uma povoação denominada «Pragais», situada perto de Alcaria. No entanto, entre a população local, um outro local, situado entre Alcaria e Alvados também apresenta o mesmo topónimo. Considerando que deste terreno se avista perfeitamente a Lapa da Mouração, não é impossível que o sítio de Pragais corresponda a este antigo topónimo. Nos curtos trabalhos de campo efectuados, não se detectou qualquer indício de vestígios pré-históricos. Trata-se de uma área plana, perto da estrada, onde se encontram abundantes parcelas de propriedades agrícolas, com poços (de alguma forma como se encontra representado no *croquis* de Tavares Proença). Assim, à luz dos dados actuais, não podemos optar definitivamente por uma forma de tumulação específica. A única hipótese claramente afastada é o contexto de gruta, uma vez que os cadernos de campo de Tavares Proença falam abertamente em contextos abertos, em terrenos lavrados.

### 3. Materiais e contextos megalíticos

Quando V. S. Gonçalves efectuou uma primeira leitura crítica sobre o Maciço Calcário Estremenho (área de Alcobaça) introduziu um novo conceito, hoje praticamente consensual: «megalitismo de gruta» (GONÇALVES, 1978b), numa perspectiva alargada deste conceito, referindo-se ao «caracter superestrutural do fenómeno megalítico, enquanto conjunto de prescrições rituais transcrito nos vestígios materiais que hoje estudamos» (GONÇALVES, 1978b: 159). Em *Sítios, Horizontes e Artefactos* (1995), este autor retoma de alguma forma o conceito, aplicado às grutas artificiais da Península de Lisboa: «entendendo o megalitismo como um complexo conjunto de prescrições mágico-religiosas relacionadas com a morte, e não apenas, redutoramente, como um tipo de arquitectura funerária, é possível uma aproximação mais flexível às práticas funerárias do 4º e 3º milénios» (GONÇALVES, 1995: 27).



Figura 3 – Implantação dos dois topónimos Pragais e inserção no actual território. «Carta Militar de Portugal» esc. 1/25 000, fls. 308/319.

Figura 4 – Aspecto da área denominada de Pragais, entre Alvados e Alcaria. Ao fundo, a Lapa da Mouração.



O exemplo de Pragais é paradigmático para atestar este modelo interpretativo do Megalitismo enquanto fenómeno global, mental e multi-contextual.

A placa de xisto gravada, as alabardas, a goiva e as lâminas de Pragais assumem-se como evidências materiais de um mesmo quadro mental do 4.º e 3.º milénios a.C., reflectindo semelhanças nos ritos mágico-religiosos. Apesar das lacunas graves na localização e caracterização do contexto de Pragais, o espólio associado pode simultaneamente corresponder a uma anta, uma gruta natural, uma gruta artificial e até mesmo a um *tholos*.

Neste pequeno conjunto material (75 artefactos e 12 restos antropológicos), encontram-se representados alguns dos *items* que melhor caracterizam os contextos funerários do 3.º e 4.º milénios na Estremadura.

#### QUADRO 2: CONJUNTO ARTEFACTUAL DE PRAGAIS

Tipo	N.º
<i>Pedra Lascada</i>	
Lâmina	57
Ponta foliácia (alabarda/punhal)	5
Núcleo quartzo hialino	1
<i>Pedra polida</i>	
Goiva	1
Formão	1
<i>Cerâmica</i>	
Taça em calote	1
Indeterminado	1
<i>Sagrado</i>	
Placa de xisto gravada	1
Antropologia	21
<b>TOTAL</b>	<b>88</b>

Como foi já referido, os contextos funerários da área do Maciço Calcário Estremenho correspondem quase exclusivamente a grutas naturais.

Aliás, para o Neolítico médio /final e Calcolítico da área, verificamos um predomínio dos contextos funerários, correspondendo a 24 ocorrências (54,5%).

Esta situação era completamente diferente nos finais dos anos 80. Nessa fase de investigação não se conhecia qualquer contexto habitacional neolítico na região (ARAÚJO e ZILHÃO, 1991), situação explicada pela ausência de prospecções sistemáticas na região e também pela intensa erosão dos solos (GONÇALVES e PEREIRA, 1974-77: 66).

A partir dos anos 90 intensificam-se os projectos de investigação sistemática na área e surgem 17 sítios de habitat neolíticos, dos quais 11 foram objecto de escavações recentes, correspondendo maioritariamente ao Neolítico antigo e médio. Na verdade, «quando se procede a prospecções sistemáticas, os povoados neolíticos começam imediatamente a aparecer» (ZILHÃO e CARVALHO, 1996: 667), situação verificada em outras zonas do território português, nomeadamente entre as áreas «megalíticas» do Alto Alentejo (GONÇALVES e SOUSA, 2000).

Os povoados melhor caracterizados (Abrigo da Pena d'Água e Laranjal do Cabeço das Pias) implantam-se na zona do arrife da Serra d'Aire, área particularmente propícia para a agricultura e pastorícia: «solos agricultáveis e densamente irrigados nas terras baixas, por um lado, e áreas montanhosas aptas a uma ocupação pastoril, por outro» (CARVALHO, 1998b: 43).

No Abrigo da Pena d'Água verifica-se a presença de um nível de ocupação datado do Neolítico final, provavelmente contemporâneo de Pragais, bem como níveis de ocupação do Neolítico médio, médio inicial e antigo evoluído. Este povoado baseou o estabelecimento de um modelo crono-estratigráfico para o Maciço Calcário Estremenho, alicerçado por um quadro de datações para as primeiras fases de ocupação do sítio (CARVALHO, 1998b) e em confrontação com as datas recentemente obtidas para outros contextos de necrópole (ZILHÃO e CARVALHO, 1996).

Olival do Passal e Passal correspondem a uma realidade distinta, pouco conhecida no actual território português: tratam-se de oficinas de talhe calcólicas (FORENBAHR, 1999) onde se encontra documentado o talhe especializado de peças foliáceas bifaciais (pontas de seta, punhais/alabardas, lâminas ovóides).

A compreensão dos modelos de povoamento desta região nos 4.º e 3.º milénios encontra-se ainda assim em aberto, aguardando-se a publicação de sítios recentemente identificados e apenas noticiados na base de dados do IPA ou em curtas referências (ZILHÃO e CARVALHO, 1996; CARVALHO, 1998b; CARVALHO, ANTUNES-FERREIRA e VALENTE, 2003), impedindo uma real leitura cartográfica. O estudo regional que procurou reconstituir a «crono-estratigrafia e povoamento» do Maciço Calcário (ZILHÃO e CARVALHO, 1996), constitui um importante ponto de partida para este tipo de leitura.

O carácter preliminar da informação recolhida é particularmente escasso no concelho de Porto de Mós, área onde se tem verificado um menor número de intervenções arqueológicas (antigas ou recentes). Na mesma cronologia que Pragais encontramos assim grutas com provável utilização funerária como Ventas do Diabo (ARAÚJO e ZILHÃO, 1991: 89-90), Cova da Velha (ARAÚJO e ZILHÃO, 1991: 87-88), Lapa da Mouração ou a Caverna da Fórnea de Santos Rocha (ROCHA, 1907), Lapa do Cabeço das Moitas (IPA). Apenas a Lapa da Mouração foi objecto de trabalhos mais aprofundados, primeiro por Santos Rocha e mais tarde por Farinha dos Santos. Os dados recolhidos parecem indicar uma ocupação de Neolítico antigo e uma reocupação no período romano (ROCHA, 1907), embora o estado de revolvimento da gruta não afaste a possibilidade da existência de uma ocupação coeva a Pragais.

Se a utilização antrópica das numerosas cavidades deste concelho deverá ser confirmada e melhor caracterizada, a informação relativa ao povoamento aberto é ainda mais limitada. Todos os sítios permanecem inéditos até ao momento, apenas referidos pela base de dados do IPA: Lapa (Alcaria), Carrascal da Corredoura (São Pedro), Lagoa Grande 2 (Mendiga), Carriço (Alvados), Lagoeira (Alcaria), Cabeço da Pedreira (Alcaria), Valicova (Alqueidão da Serra).

A abundante colecção de artefactos de pedra polida (32) recolhida por Tavares Proença entre Alcaria e Alvados poderá funcionar como indicador de uma rede de povoamento insuficientemente identificada.

Na abordagem do conjunto artefactual de Pragais optamos por efectuar vários níveis de análise:

1. *Contextos*: caracterização do contexto de recolha face aos cadernos de campo;
2. *Morfologia*: descrição da peça/conjunto de acordo com critérios apresentados. Para este estudo foi imprescindível a colaboração de Marisa Cardoso e Marco Andrade, na realização de desenhos e quantificações no Museu Tavares Proença. Também se agradece o amável apoio de toda a equipa do Museu, particularmente da sua directora, Dr.ª Ana Margarida Ferreira;
3. *Significados relativos*: enquadramento cronológico, económico-social, mental das comunidades do 4.º e 3.º milénio a.C.

### 3.1. Pedra Lascada

Os artefactos de pedra lascada identificados em Pragais configuram situações e contextos bem diferenciados na indústria lítica do Neolítico final / Calcolítico.

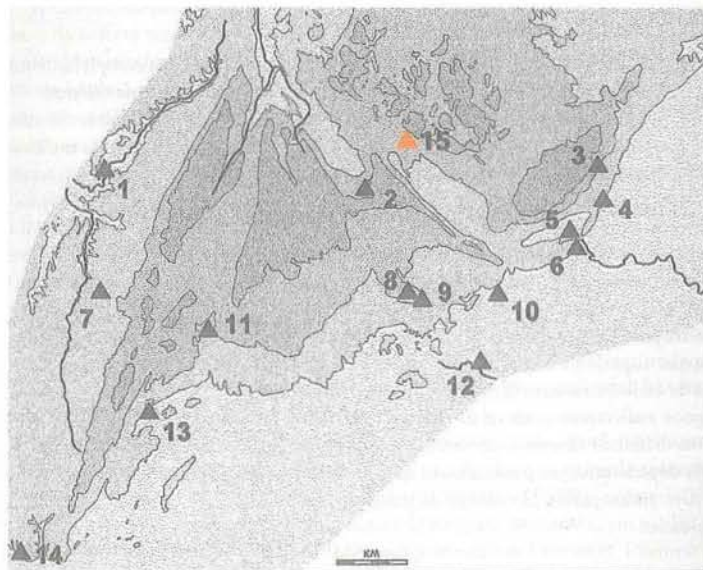


Figura 5 – Principais contextos funerários do Neolítico e Calcolítico da Serra d'Aire e Candeeiros (CARVALHO, ANTUNES-FERREIRA e VALENTE, 2003: 116, fig.7). Sob esta base cartográfica adicionou-se localização provável de Pragais.

1. Carvalhal de Aljubarrota; 2. Covão do Poço; 2. Lapa da Modeira; 4. Lapa dos Namorados; 5. Almonda; 6. Lapa da Bugalheira; 7. Algar de João Ramos; 8. Gruta dos Carrascos; 9. Algar do Barrão; 10. Lapa da Galinha; 11. Gruta do Lugar do Canto; 12. Gruta da Marmota; 13. Anta-Capela de Alcobertas; 14. Grutas de Sra. da Luz; 15. Pragais.

Em termos de matéria – prima verificamos que praticamente todos os materiais são de sílex, registando-se apenas a presença de 1 núcleo de quartzo hialino num universo de 65 artefactos de pedra lascada de sílex).

O tipo de recolha efectuada poderá denunciar a recolha selectiva de um determinado tipo de materiais, mas é óbvia a importância do sílex neste tipo de contexto. Em pleno Maciço Calcário, as fontes de aprovisionamento de sílex não se encontravam muito afastadas, embora estas se concentram «nos extremos Nordeste e Sul do Maciço (Ourém e Rio Maior)» (CARVALHO, 1998b: 89). No presente trabalho apenas se efectua uma caracterização genérica da coloração do sílex, sendo essencial (como veremos) para a compreensão tecnológica do conjunto de lâminas e para a identificação de esquemas de trocas regionais e transregionais para as alabardas/punhais. Nos dois tipos de peça surge representado um tipo de sílex muito semelhante, de coloração branca.

Em termos de tecnologia lítica, encontram-se aqui representadas duas cadeias operatórias bem distintas: a dos foliáceos (característica do Neolítico final e Calcolítico da Estremadura) as dos grandes suportes alongados (comum a uma vasta área do Centro – Sul de Portugal). Em ambos casos se verifica a especialização do talhe e a provável inserção em redes de troca.

### 3.1.1. Lâminas

#### a) Contextos

Os cadernos de campo de Francisco Tavares Proença Júnior referem especificamente este tipo de material, designando-o por «sílices», «facas» e por «costellas» (designação que os populares atribuíram aquando do achado).

QUADRO 3: CONTEXTOS DE RECOLHA DAS LÂMINAS

tipo de recolha	data	caderno de campo (PROENÇA JÚNIOR, 1910d: 50-51)
ofertas	25/02/1907	«Apareceu-me este com (...) <b>36 facas de sílex</b> (...)» «Todos estes objectos tinham aparecido algum tempo antes no sítio de <u>Pragaes</u> , pertencente a Joaquim Vieira.»
recolhas de F.T.P.J	25/02/1907	«Fui ver o sítio e encontrei in loco <b>2 facas</b> partidas e 2 ossos».
recolhas de F.T.P.J	10/09/1910	«Recolhi ao todo naquela exploração 31 facas de sílex, umas inteiras e outras partidas (...)».

Perante esta quantificação rigorosa obtemos um total de 69 lâminas, das quais chegaram até nós 57. Quando confrontamos esta quantificação com o número de fragmentos realmente existente (uma vez que se obtiveram 12 colagens) obtemos um valor exactamente idêntico ao referido por Tavares Proença Júnior.

Existe ainda uma referência explícita à associação votiva deste conjunto de lâminas: «À volta dos esqueletos apareceram então misturadas na terra muitos sílices semelhantes a costellas e alguns raros fragmentos de cerâmica negra» (10-09-1910).

#### b) morfologia

O conjunto de lâminas em estudo constitui um dos casos mais relevantes no Centro e Sul de Portugal. No actual estado de conhecimentos apenas conhecemos um conjunto similar em termos quantitativos, inserindo-se este último num contexto bem definido estratigráfico e cronometricamente (GONÇALVES e SOUSA, 2000). Trata-se do conjunto de lâminas do *tholos* Olival da Pega 2b (Reguengos de Monsaraz), que tem vindo a ser objecto de estudo tecnológico por Victor S. Gonçalves e J. Pelegrin.

Ambos conjuntos correspondem a uma vontade deliberada de talhe para deposição funerária. Os conjuntos de pedra lascada em contextos de necrópole poderão ser excelentes indicadores para o estudo do talhe da pedra em termos locais e regionais, uma vez que usualmente apresentam um grau de fragmentação bastante mais reduzido. O conjunto em estudo revela um índice de fragmentação bastante reduzido, constituindo as peças inteiras 49,1% do total e as peças proximais correspondem a 28% da amostra, ou seja: 44 das 57 lâminas podem ser descritas em termos tecnológicos.

Neste contexto o caso de Pragais assume particular interesse uma vez que o talhe intencional se encontra confirmado pela presença de todos os momentos da cadeia operatória. Lâminas de descorticagem, lâminas de crista, acidentes de talhe e lâminas de fase plena do processo de debitação encontram-se aqui representados, tendo sido retocados exemplares de todas as fases de talhe.

Praticamente todas as lâminas se encontram retocadas (79%) e aquelas que o não foram apresentam ligeiros sinais de uso que podem indicar encabamentos. O retoque é preferencialmente unifacial, estendendo-se por ambos bordos (62,2%). Em alguns casos verifica-se o afeiçoamento para furador (3) e para raspadeira plana na extremidade distal (5), subtraindo a dimensão total da lâmina.

A amostra apresenta uma relativa uniformidade nestes produtos alongados, oscilando a sua largura entre 13,03 e 33,31 mm (num valor médio de 21,0 mm), incluindo lâminas muito estreitas (na transição lâminas / lamelas) e lâminas largas que indicam uma extracção com a técnica de pressão. As lâminas inteiras indicam um amplo leque de comprimentos, entre 84,27 e 160 mm (praticamente o dobro).

QUADRO 4 : FASES DE DEBITAGEM DO CONJUNTO DE PRAGAIS

Fase de debitage	Presenças		Retoque	
	N.º	%	N.º	%
Descortagem	6	10,5	6	100
Crista	1	1,75	0	0
Sub-crista	3	5,2	2	75
Acidentes de talhe	8	14	6	75
Flanco de núcleo	1	1,75	1	100
Fase inicial de debitage	13	22,8	10	80
Fase plena de debitage*	25	44	19	76
<b>total</b>	<b>57</b>	<b>100</b>	<b>45</b>	<b>79</b>

\*De acordo com critérios definidos por J. Zilhão (1997)

QUADRO 5: TIPOS DE TALÃO

Talão	N.º	%
Cortical	4	9
Facetado rectilíneo	13	30
Facetado convexo	6	13,6
Liso	3	6,8
Diédrico	3	6,8
Esmagado	1	2,2
Puntiforme	6	13,6
Chapéu de gendarme	1	2,2
Linear	2	4,5
Asa de pássaro	5	11,3
<b>total</b>	<b>44</b>	<b>100</b>

### c) *significados relativos*

Grande parte das lâminas apresenta presença de córtex (44%), reflectindo talvez a natureza do sílex utilizado. Note-se que o sílex usado para efectuar as lâminas tem correspondência com o usado para as grandes pontas bifaciais foliáceas.

Uma classificação petrográfica poderia talvez confirmar a classificação empírica de 3 tipos de sílex que apresentam vários estádios da cadeia operatória. Não é possível efectuar remontagens das lâminas em estudo: a natureza da recolha, o tipo de contexto e o retoque em sua grande parte impede este tipo de leitura. Contudo, parece defensável que as inumações de Pragais tivessem sido acompanhadas por séries de extracção de lâminas, desde a fase de descortagem até a um momento pleno de debitage. A confirmar esta hipótese, poderíamos considerar que teria sido efectuado um talhe intencional para deposição junto das inumações. O reduzido número de enterramentos (de acordo com as descrições de Proença Júnior e com o espólio antropológico analisado por Ana Maria Silva) poderia mesmo indicar que a cada enterramento corresponderia um elevado número de lâminas.

O enterramento de um «talhador» descoberto na necrópole neolítica de Mehrgarh (Paquistão) apresenta *in situ* uma situação que poderia ter ocorrido em Pragais: a associação de uma inumação a um conjunto de materiais (desde o núcleo, lâminas que remontam e trapézios). Esta associação foi interpretada como indicador da função do inumado (INIZAN, 2002: 45). Por outro lado, no já referido *tholos* Olival da Pega 2b verificamos a associação das lâminas a um sepulcro colectivo, com cerca de 200 inumações (GONÇALVES e SOUSA, 2000).

Assim, estamos perante uma variedade de hipóteses de leitura, mas todas elas reflectem o carácter especializado do talhe da pedra nas comunidades dos finais do 4.º / inícios do 3.º milénio.

### 3.1.2. Grandes Pontas Bifaciais Foliáceas

#### a) *Contextos*

Os cadernos de campo referem recolhas de 6 elementos de projectil, dos quais apenas se conservam 4 elementos de projectil e uma lâmina apontada.

QUADRO 6: CONTEXTOS DE RECOLHA DAS GRANDES PONTAS BIFACIAIS FOLIÁCEAS

tipo de recolha	data	caderno de campo (PROENÇA JÚNIOR, 1910d: 50-51)
ofertas	25/02/1907	«Apareceu-me este com (...) <b>3 grandes pontas de lança de sílex</b> »
recolhas de F.T.P.J.:	10/09/1910	«Recolhi ao todo naquela exploração (...), <b>uma ponta enorme de lança maravilhosamente retocada à qual infelizmente falta o bico, outra ponta de lança mais pequena também partidas, uma ponta de seta inteira (...)</b> ».

#### b) *Morfologia*

Alabardas, punhais, pontas de lança correspondem a tipologias há muito referenciadas pela bibliografia arqueológica. Desde as recolhas de Nery Delgado na Casa da Moura ou de Carlos Ribeiro nas antas de Belas, que se reportam grandes pontas foliáceas bifaciais.

Contudo, contrariamente ao que sucede para outros artefactos de pedra lascada, este tipo de artefactos não se encontra claramente sistematizado em categorias.

As grandes pontas integram-se num grupo de peças foliáceas bifaciais, entre as quais se integram as pontas de seta, as lâminas ovóides. Distinguem-se das pontas de seta

pela sua grande dimensão (chegando aos 30 cm) e das lâminas ovóides pela presença de uma extremidade ponteaguda e de uma base. A presença de polimento em grande parte destas peças é também uma particularidade na indústria lítica deste período, encontrando-se ainda em aberto a finalidade deste tipo de acabamento.

A separação entre alabardas e punhais é bastante mais complexa, tendo sido efectuada de forma subjectiva, «segundo o critério pessoal de cada investigador» (CARDOSO, FERREIRA e CARREIRA, 1996: 226), até mesmo nos catálogos de punhais (FERREIRA, 1957) ou de alabardas (JALHAY, 1947).

Um estudo exaustivo dos artefactos de pedra lascada bifaciais no Calcolítico português, da autoria de um investigador croata, possibilitou uma primeira sistematização efectiva destes dados. Neste estudo, é efectuada uma análise sistemática de todas as peças bifaciais publicadas até então (FORENBAHER, 1999) e de alguns conjuntos inéditos (como as oficinas de talhe de Olival do Passal ou de Arruda dos Pisões). Significativamente, surge nesta obra a única referência ao sítio de Pragais desde 1970 (ALMEIDA e FERREIRA, 1970).

Perante a análise estatística de 220 peças, cruzando índices de comprimento e de largura não foi possível distinguir «clusters» que caracterizem alabardas e punhais (FORENBAHER, 1990).

Foram assim propostas duas classificações que incluem a base e os bordos. Quanto à classificação da base foram identificados 12 tipos: 1 – linear com base arredondada; 2 – ligeiramente bicôncava; 3 – triangular; 4 – Ogival; 5 – Arredondado; 10 – bicôncavo com curto pedúnculo; 11: base com entalhes; 12 – Entalhes laterais; 13 – Linear com extremidade aguçada; 14 – Côncava; 15 – base convexa arredondada; 16 – base convexa arredondada nos bordos. A forma dos bordos foi classificada em três categorias: Larga; Intermédia; Alongada. Na verdade, podemos genericamente considerar que as peças de bordos largos correspondem a alabardas e as de forma alongada, correspondam a punhais, embora a análise estatística não diferencie claramente estes dois tipos de peça, existindo uma classe intermédia.

O conjunto de Pragais apresenta 2 peças com afastamento dos bordos largo (alabardas, n.º 211 e n.º 212) e uma peça alongada (punhal, n.º 214). Uma das grandes pontas bifaciais foliáceas integra-se na categoria indefinida de «intermédia» (n.º 215).

A geometria das bases é também aqui muito variável: base bicôncava com curto pedúnculo (n.º 211 e n.º 212, ambas alabardas), linear com base arredondada (n.º 215) e linear com base plana (n.º 214).

A grande alabarda n.º 212 apresenta uma morfologia não padronizada uma vez que a sua extremidade não é ponteaguda. Inicialmente consideramos esta peça como fragmentada, seguindo as anteriores classificações da mesma, mas de facto a extremidade apresenta um retoque intencional com um gume plano. Esta forma poderá corresponder a um momento intermédio do talhe da peça ou a uma funcionalidade tipológica ainda não identificada.

### c) *significados relativos*

Como já foi referido, as grandes pontas foliáceas (alabardas e punhais) apresentam especificidades morfológicas que as distinguem da restante indústria lítica do 3.º e 4.º milénios a.C.

Esta especificidade prende-se em primeiro lugar com os contextos em que este tipo de artefactos surge: quase exclusivamente em necrópoles (86,9% das ocorrências). As raras ocorrências em povoados sucedem exactamente nos maiores sítios calcolíticos da Estremadura (Vila Nova de São Pedro, Zambujal e Leceia), com escassa expressão numérica.

Alabardas e punhais encontram-se assim praticamente ausentes da indústria lítica dos povoados o que parece indicar a existência de oficinas de talhe especializadas fora do perímetro dos povoados (como o caso de Arruda dos Pisões).

A associação recorrente a contextos de necrópole, o elevado investimento de tempo na produção deste tipo de artefacto e a ausência de sinais de utilização torna este tipo de peças em verdadeiros artefactos votivos, fabricados exclusivamente para o mundo do sagrado.

Trata-se efectivamente do único tipo de artefactos de pedra lascada efectuado com finalidade votiva, com uma tecnologia de talhe e acabamento individualizada.

O número restrito de ocorrências no actual território português poderá indiciar a existência do carácter especializado no talhe deste tipo de peça e de uma rede de trocas, situação a confirmar com futuras análises de proveniência geológica deste tipo de artefacto.

As grandes pontas bifaciais foram recolhidas no Centro e Sul de Portugal, desde as Beiras até ao Algarve, num total de 44 sítios e 164 peças:

**QUADRO 7: OCORRÊNCIAS GRANDES PONTAS FOLIÁCIAS**

Área*	sítios	peças
Maciço Calcário Estremenho	8	62
Algarve	2	3
Alentejo	12	17
Beiras	5	21
Estremadura	23	67
Península de Setúbal	2	4
<b>total</b>	<b>51</b>	<b>174</b>

\* Com individualização do Maciço Calcário Estremenho onde se integra o sítio de Pragais.

Numa análise primária, podemos verificar que a Estremadura apresenta a maior densidade de ocorrências (50%) e uma presença significativa da área do Maciço Calcário Estremenho (16%). Quando confrontamos esta leitura com o número de peças identificado nas referidas áreas, acentua-se a importância relativa da área do Maciço Calcário Estremenho com 38% do total de peças recolhidas. As áreas com abundância de fontes de aprovisionamento de sílex apresentam as ocorrências mais elevadas.

A presença de contextos com elevado número de grandes pontas foliáceas (como a Gruta da Galinha na Maciço Calcário Estremenho ou Casa da Moura, na Estremadura) poderá assumir um significado particular, uma vez que o *ratio* de peças por necrópole é usualmente baixo (1 a 2 por sítio). É justamente nas necrópoles em grutas naturais que se verificam as maiores concentrações de alabardas / punhais, talvez reflectindo o investimento diferencial de esforço dispendido entre monumentos construídos (antas, *tholoi* e grutas artificiais) e monumentos naturais (grutas).

O enquadramento cronológico deste tipo de peça deverá oscilar entre os finais do 4.º e os inícios do 3.º milénio, muito embora sejam escassos os contextos datados cronometricamente.

### 3.2. Pedra polida

#### a) Os contextos

O conjunto de artefactos de pedra polida recolhidos por Tavares Proença Júnior entre Alcária e Alvados é muito significativo (37 exemplares recolhidos). No entanto, quando confrontamos os materiais com os cadernos de campo e as fichas antigas que ainda se preservam agregadas às peças apenas podemos associar com segurança dois artefactos de pedra polida ao conjunto de Pragais: uma goiva e um formão.

#### b) Descrição morfológica

Efectuados sobre matéria-prima exógena à área, os artefactos de pedra polida são uma constante nos espólios votivos do megalitismo, assumindo particular importância nas suas primeiras fases.

Os artefactos que podemos seguramente associar a Pragais correspondem a formas pouco comuns, destacando-se obviamente a goiva, claramente uma peça votiva.

Recentemente, V. S. Gonçalves efectuou uma análise deste tipo de artefacto, a propósito de uma goiva recolhida na Anta 2 de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz), realçando-se as questões em aberto levantadas por este tipo de artefacto de pedra polida: «a goiva é um artefacto votivo contextualmente raro (...) e algo enigmático, certamente pela ausência de qualquer informação sobre o seu uso específico, e particularmente, o nosso desconhecimento sobre os métodos ou processos de encabamento» (GONÇALVES e SOUSA, 2000: 162).

QUADRO 8: NECRÓPOLES DA SERRA D'AIRE E CANDEIROS COM GRANDES PONTAS FOLIÁCIAS

Sítio	Contexto	N.º peças alabardas/punhais
Bugalheira	Gruta	4
Buraca da Moura	Gruta	1
Cabeço da Ministra	Gruta	12
Gruta da Galinha	Gruta	21
Lagoa do Cão	Gruta	6
Lapas	Gruta	3
Senhora da Luz 1	Gruta	3
Senhora da Luz 2	Gruta	11
Pragais	?	5
<b>total</b>		<b>66</b>

QUADRO 9: CONTEXTOS COM GRANDES PONTAS FOLIÁCIAS (ACTUAL TERRITÓRIO PORTUGUÊS)

Contexto	sítios	peças
Anta	26	64
Gruta Artificial	2	8
Tholos	6	5
Gruta Natural	13	93
Povoado	4	6
<b>total</b>	<b>51</b>	<b>174</b>

QUADRO 10: CONTEXTOS DE RECOLHA DA PEDRA POLIDA

Peça	tipo de recolha	data	caderno de campo (PROENÇA JÚNIOR, 1910d: 50)
Machado-enxó	escavações F.T.P.J.	10/09/1910	sem referências
10.899	oferta	25/02/1907	
Goiva	(professor de		«Recolhi (...) uma goiva admiravelmente acabada e inteiramente polida.»
10.296	Alcária)		
Formão			«Appareceu-me este com (...) machado estreito de diorite.»
10.547			

O exemplar de Pragais apresenta um excelente acabamento de polimento, com uma secção perfeitamente circular e a extremidade proximal também ponteguda. Numa observação empírica, podemos observar a semelhança da matéria – prima da goiva de Pragais com as goivas de Reguengos de Monsaraz (Santa Margarida 2 e Poço da Gateira, por exemplo), sob basalto filoniano alterado.

Numa rápida análise, podemos verificar que este tipo de artefacto apresenta grande variabilidade de dimensões (desde 15,9 cm de Pragais aos pequenos exemplares das grutas artificiais de S. Pedro do Estoril), de secções (circular em Pragais, quadrangular, sub-rectangular alongado) e de faces (planas, côncavas), situação já identificada no referido estudo de Victor S. Gonçalves (p. 165).

A peça 19.899 revela por outro lado, um significado duplo uma vez que se trata de um machado reaproveitado como enxó.

Temos assim 4 peças e 5 tipologias bem diferenciadas: goiva, machado, enxó e formão.

#### *c) significados relativos*

Na verdade, podemos estabelecer mesmo um paralelismo entre as alabardas/punhais e as goivas. Ambas surgem preferencialmente em necrópoles, não apresentam sinais de uso, a sua forma de utilização não se encontra ainda bem determinada e surgem usualmente em pequeno número por monumento/sítio (sobretudo no que se refere às goivas).

Contudo, se as alabardas/punhais podem ser enquadradas cronologicamente no Neolítico final / Calcolítico, as goivas apresentam uma maior duração temporal, surgindo desde fases iniciais do megalitismo (como Poço da Gateira e as necrópoles de Monchique) até contextos claramente calcolíticos.

A distribuição das goivas na área do Maciço Calcário Estremenho é bastante mais restrita do que a verificada para as alabardas/punhais registando-se a sua presença na Lapa da Galinha, Gruta das Alcobertas e na Gruta do Lugar do Canto.

### **3.3. Sagrado**

#### *a) Contextos*

A placa de xisto decorada com motivos geométricos é naturalmente a peça mais referida nas notas de campo. Fazendo parte das recolhas do professor de Alvados, Tavares Proença Júnior tenta reconstituir o contexto da sua identificação: «A placa ornamentada apareceu próximo da cabeça de um dos esqueletos de adultos» (10/09/1910).

#### *b) Descrição morfológica*

A placa de Pragais foi gravada nas duas faces e perfurada obliquamente na sua extremidade.

A face apresenta um esquema simples de gravação com quatro faixas de triângulos preenchidos por linhas inter cruzadas. As faixas assumem um esquema simétrico nos seus componentes (triângulos), adaptando-se à forma trapezoidal da placa: a primeira faixa com quatro triângulos; a segunda com cinco (encontrando-se um dos triângulos da extremidade incompleto); terceira faixa repete os cinco triângulos e a última novamente com quatro. Numa leitura atenta (com binocular) verificamos a presença de um triângulo muito esbatido que não corresponde à actual paginação de gravação.

A decoração do verso parece indicar que a primeira faixa terá sido «apagada», restando ainda 1 triângulo sob a perfuração. Esta foi a face a partir da qual foi efectuada a perfuração que não se encontra perfeitamente no eixo da peça. Conservaram-se 3 faixas constituídas por triângulos preenchidos, sendo a primeira constituída por quatro triângulos a segunda por 5 triângulos e a terceira por quatro. O 5.º triângulo da 2.ª faixa encontra-se preenchido apenas por linhas oblíquas, não se verificando o inter cruzamento das linhas.

### **3.4. Cerâmica**

#### *a) Contextos*

Apesar da cerâmica assumir uma expressão pouco significativa no conjunto de Pragais, Tavares Proença Júnior refere-a explicitamente aquando da sua escavação no local, citando-se mesmo «alguns raros fragmentos de cerâmica negra» (caderno de campo de 10/09/1910) (PROENÇA JÚNIOR, 1910d: 52).

#### *b) Descrição morfológica e significado relativo*

O mau estado de conservação da cerâmica inviabiliza uma análise efectiva da mesma. Trata-se de 2 recipientes abertos, taças em calote de esfera numa tipologia simples que perpassa toda o Neolítico e Calcolítico. A acreditarmos numa efectiva representatividade entre as recolhas efectuadas e a colecção que chegou até nós, podemos aceitar o papel secundário que a cerâmica teria assumido, face a outros artefactos, nomeadamente de pedra lascada.

#### 4. Tempo, contextos e materiais: linhas de leitura do conjunto de Pragais

Retomar velhos dados e obter novas leituras é sempre um desafio para qualquer investigador. Este desafio assume uma dimensão quase obrigatória para a cronologia em questão e no quadro regional em que se insere. Com efeito, como já muitas vezes referi (Sousa, 1998) que a pré-história estremenha constitui uma encruzilhada de investigações desde os inícios da actividade arqueológica portuguesa. Por essa razão, estudar colecções «históricas» deveria constituir uma das prioridades da actividade arqueológica.

No Maciço Calcário, como vimos, praticamente todos os contextos de necrópole foram objecto de intervenções arqueológicas antigas, com naturais limitações de validação estratigráfica. Assim, escasseiam as «estratigrafias seguras» e datadas cronometricamente.

Num a leitura cronoestratigráfica desta região, João Zilhão e António Faustino Carvalho sublinham a dualidade dos contextos de necrópole: Existiria assim um conjunto de grutas com espólio «arcaizante», com geométricos, braceletes em concha de *Glycimeris*, pedra polida e cerâmica lisa. Inscrevem-se neste grupo necrópoles como os Carrascos, Gruta do Lugar do Canto, Lapa da Modeira a que se opõem as necrópoles com placas de xisto, alabardas/punhais e outros elementos mais evoluídos como a Lapa da Galinha.

Segundo um esquema linear, o primeiro grupo poderia corresponder ao Neolítico médio e o segundo ao Neolítico final. Contudo as datas obtidas revelam algumas contradições (ZILHÃO e CARVALHO, 1996), colocando em contemporaneidade grutas com espólio arcaizante como o Algar do Barrão, com necrópoles com placas de xisto como a Cova das Lapas. Segundo estas datas, na segunda metade do 4.º milénio a.C. permaneceriam duas práticas votivas e simbólicas bem diferenciadas.

Estamos assim perante um «impasse» no desenvolvimento das investigações da região e que apenas será solucionado com a realização de novos trabalhos e novas datas.

O conjunto de Pragais, mesmo sem datas absolutas, parece assim enquadrar-se no segundo grupo de sítios, apresentando um *terminus ante* quem compatível com a necrópole da Cova das Lapas. Neste local, em 3496 – 3039 cal a.C. já se regista a presença de placas de xisto gravadas, constituindo-se como a data mais antiga para este tipo de material.

Por outro lado, o espólio de Pragais parece indicar uma especialização do talhe da pedra compatível com os contextos de finais do 4.º milénio / inícios do 3.º milénio. Futuras datações absolutas poderão, ou não, confirmar esta atribuição cronológica.

O conjunto de materiais recolhidos apresenta uma coerência crono-tipológica que parece indicar uma necrópole frequentada num período limitado de tempo, provavelmente com um restrito número de inumações.

As mais recentes investigações da zona têm incidido sobretudo sobre povoados, sendo ainda difícil estabelecer «ligações directas» entre contextos de necrópole e de habitat.

Para Pragais, a dificuldade é ainda mais acrescida uma vez que praticamente todos os materiais têm uma carga votiva: quer a placa de xisto gravada, testemunho de um sistema mágico-religioso de todo o Centro – Sul de Portugal; quer a goiva, artefacto que raramente surge em povoado e que nunca apresenta sinais de uso; quer as grandes pontas foliáceas, que surgem quase sempre em contextos votivos.

Ao regressar a Pragais, 96 anos após as incursões de Francisco Tavares Proença Júnior, continuamos assim a esperar por novos dados para confrontar as velhas leituras do Maciço Calcário Estremenho.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Aliás, um dos professores citados por Santos Rocha nas Investigações da Caverna da Fórnea é o mesmo Cacella de Alvados que mostrou Pragais a Tavares Proença.

#### BIBLIOGRAFIA

##### Enquadramento do autor

PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1906) – O Congresso Pré-histórico de França. *O Instituto*. Coimbra. 53: 181–188.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1907) – Essai de classification des dolmens portugais. In Congrès Pré-historique de France, Vannes, 1906 – *Compte rendu de la deuxième session*. Paris : Schleicher Frères. p. 348- 349.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1909) – Anta da Urgueira (Beira Baixa). Leiria: Typographia Leiriense.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1910a) – Necrologia : Joaquim Filipe Nery Delgado. *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*. Leiria. I(1): 38.

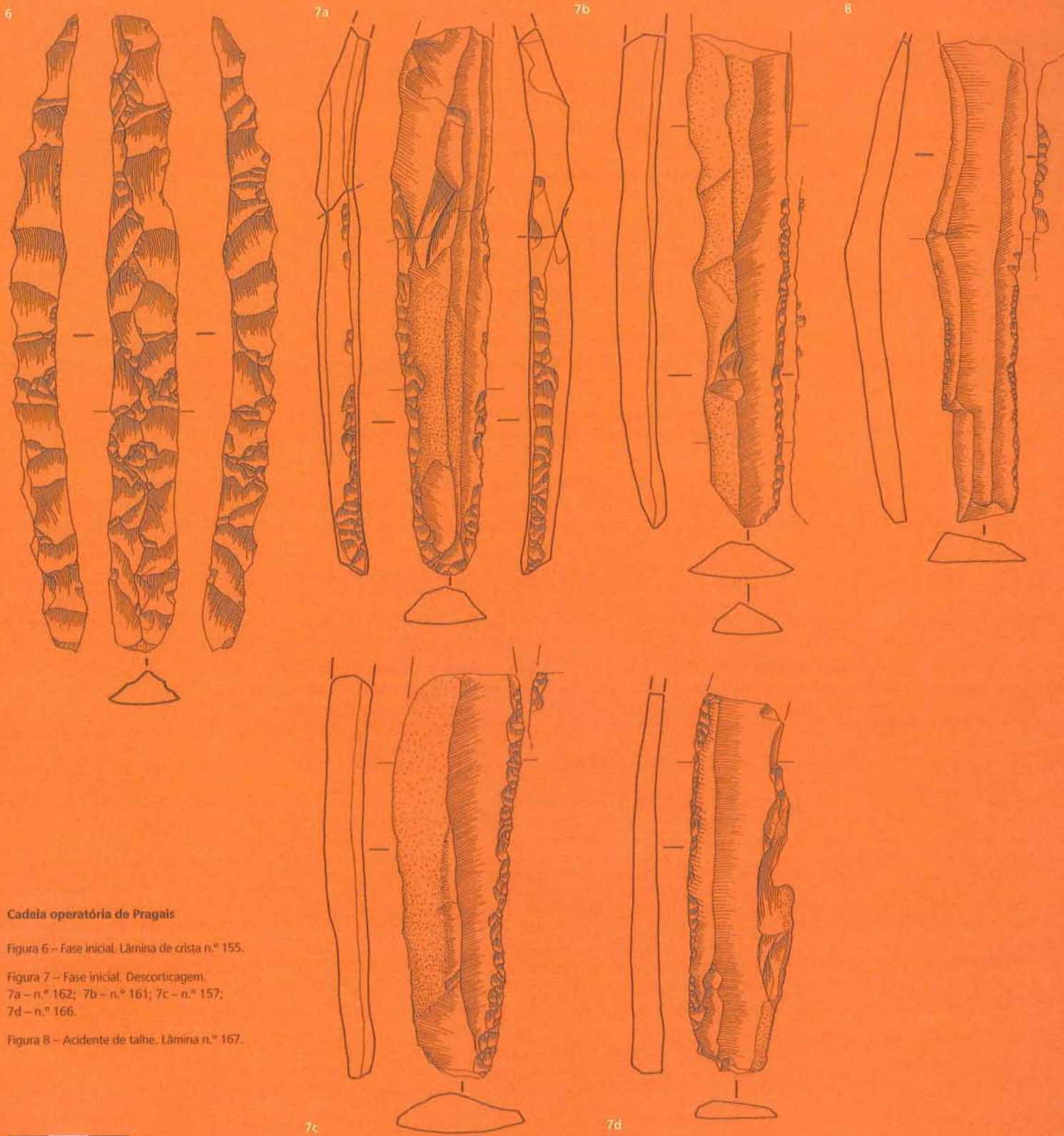
PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1910b) – Sur les instruments portugais en pierre polie. *L'Homme Préhistorique*. Paris. p. 78-85.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1910c) – *Archeologia do districto de Castello Branco*. Leira : Typographia Leiriense.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1910d) - Lote de manuscritos sobre diversos locais. Conjunto de manuscritos inéditos que integram a colecção do Museu Francisco Tavares Proença Júnior com a cota CMFTPJ-A1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. ; FERREIRA, O. da V.** (1959) – Antiguidades de Torres Novas. Parte II. Estação pré-histórica das Lapas. *Revista de Guimarães*. Guimarães. LXIX (3-4): 501-510.
- ALMEIDA, F. ; FERREIRA, O. da V.** (1970) – Estação pré-histórica de Pragaes – Alcaria (Porto de Mós). *Revista de Guimarães*. Guimarães. LXXX (3-4): 257-262.
- Referências bibliográficas**
- ARAÚJO, A. C. ; ZILHÃO, J.** (1991) – *Arqueologia do Parque Natural das Serras d'Aire e Candeeiros*. Lisboa : Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- CARDOSO, J. L. ; FERREIRA, O. da V. ; CARREIRA, J. L.** (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6: 195-256.
- CARVALHO, A. ; ZILHÃO, J.** (1994) – O povoado neolítico do Laranjal do Cabeço das Pias. In *Jornadas Arqueológicas*, 3, Lisboa, 1993 - *Actas*. Lisboa : Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 53-67.
- CARVALHO, A.** (1998a) – *Talhe da pedra no Neolítico antigo do maciço calcário das Serras d'Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa) : um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa : Colibri.
- CARVALHO, A.** (1998b) – O abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas) : resultados dos trabalhos de 1992-1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1(2): 39-72.
- CARVALHO, A. ; ANTUNES-FERREIRA, N. ; VALENTE, M. J.** (2003) – A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6(1): 101-119.
- CUNHA, A. X. ; NETO, M. A.** (1958) – *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhas de Aljubarrota (Alcobaça)*. Coimbra : Instituto de Antropologia. p. 223-241. (Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa ; 6/7).
- FERREIRA, O. da V.** (1957) – Tipos de punhal lítico da colecção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. LXVII (1-2): 185-191.
- FERREIRA, O. da V.** (1966) – La culture du vase campaniforme au Portugal. Lisboa : Serviços Geológicos de Portugal. (Memória. Nova série ; 12).
- FERREIRA, O. da V.** (1983) – Cavernas com interesse cultural encontradas em Portugal. Lisboa : Serviços Geológicos de Portugal. p. 285-298. (Comunicações ; 68).
- FORENBAHER, S.** (1999) – *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the portuguese Chalcolithic*. Oxford : Archeopress. (BAR International Series ; 756).
- GONÇALVES, V.** (1972) – Uma nova necrópole da Idade do Bronze : a Gruta da Marmota. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3(6): 213-218.
- GONÇALVES, V.** (1978a) – *Neolitização e megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa : Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V.** (1978b) – Para um programa de estudo do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 28-29: 147-162.
- GONÇALVES, V.** (1989) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias : uma nota preambular. *Almansor : Revista de Cultura*. Montemor-o-Novo. 7: 289-302.
- GONÇALVES, V.** (1995) – *Sítios, «horizontes» e artefactos : leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais : Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V.** (2001) – A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2: 115-205.
- GONÇALVES, V. ; PEREIRA, A. R.** (1974-77) – Considerações sobre o espólio neolítico da Gruta dos Carrascos (Monsanto, Alcanena). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3(7-9): 49-87.
- GONÇALVES, V. ; SOUSA, A. C.** (2000) – A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente Peninsular. In *Simpósio Internacional de Megalitismo*, 1, Monsaraz - *Muitas antas, pouca gente*. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia ; 14).
- GONÇALVES, V.** [et al.] (1997) – Le Néolithique ancien de l'abri de Bocas I (Rio Maior, Portugal). In *Colloque International du CNRS, Montpellier*, 26-29 avril 1983. *Actes : premières communautés paysannes en Méditerranée occidentale*. Paris : CNRS. p. 637-680.
- GONÇALVES, V.** ed. (2000) – *Simpósio Internacional de Megalitismo*, 1, Monsaraz - *Muitas antas, pouca gente*. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia ; 14).
- INIZAN, M. L.** (2002) – Tailler des roches par pression : émergence d'une technique, étapes de sa diffusion dans le monde. In *GUILAINÉ, J. – Matériaux, productions, circulations du Néolithique à l'Âge du Bronze*. Paris : Errance. p. 33-46.
- JALHAY, E.** (1947) – A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal. *Brotéria*. Lisboa. 44(1): 36-56.
- LEITÃO, M.** [et al.] (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4(5): 37-66.
- M.C.** (1910) – Necrologia : Dr. António dos Santos Rocha. *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*. Leiria. 1(1): 38.
- NATIVIDADE, V.** (1899-1903) – Grutas de Alcobaça. Portugalia : *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*. Porto. 1(1-4): 433-474.
- PAÇO, A. ; ZBYSZEWSKI, G. ; FERREIRA, O. da V.** (1971) – Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). Lisboa : Serviços Geológicos de Portugal. p. 23-41. (Comunicações ; 55).
- ROCHA, A. dos S.** (1907) – A caverna da Fórnea. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. 1(5): 146-149.
- RUIVO, J.** (1999) – Tavares de Proença e a arqueologia da região de Leiria. Leiria : Câmara Municipal. p. 123-136. Comunicação apresentada no Colóquio sobre a História de Leiria e da sua Região, 3, Leiria, 1996.
- SÁ, M. C.** (1959) – A Lapa da Galinha. In *Congresso Nacional de Arqueologia*, 1 – *Actas e memórias*. Lisboa : Instituto de Alta Cultura. p. 117-128.
- SANTOS, M. C. ; ZBYSZEWSKI, G. ; FERREIRA, O. da V.** (1970) – A gruta pré-histórica das Alcobertas. In *Congresso Nacional de Arqueologia*, 1 – *Actas e memórias*. Lisboa : Instituto de Alta Cultura. p. 97-106.
- STRAUS, L. G.** [et al.] (1988) – New excavations in Casa da Moura (Serra d'El Rei, Peniche) and at the abrigos de Bocas (Rio Maior), Portugal. *Arqueologia*. Porto. 18: 65-95.
- VICENTE, E. P. ; ANDRADE, G. E. ; DIAS, V. M.** (1974) – Uma jazida pré-histórica no vale do Sorraia. In *Congresso Nacional de Arqueologia*, 3 – *Actas*. Porto : Junta Nacional de Educação. p. 91-104.
- ZILHÃO, J.** (1994) – A oficina de talhe neo-calcolítica de Casas de Baixo (Caxarias, Vila Nova de Ourém). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2: 35-45.
- ZILHÃO, J.** (1997) – *O Paleolítico superior da Estremadura portuguesa*. Lisboa : Colibri.
- ZILHÃO, J. ; CARVALHO, A. F.** (1996) – O Neolítico do maciço calcário estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. *Rubricatum*. Gavà. 1: 659-672. Trabalho apresentado no Congrès del Neolithic a la Peninsula Ibérica, 1, Gavà-Bellaterra, 1995.



**Cadeia operatória de Pragais**

Figura 6 – Fase inicial. Lâmina de crista n.º 155.

Figura 7 – Fase inicial. Descorticação.

7a – n.º 162; 7b – n.º 161; 7c – n.º 157;  
7d – n.º 166.

Figura 8 – Acidente de talhe. Lâmina n.º 167.



Cadeia operatória de Pragais

Figura 9 - Lâminas não retocadas.

9a - n.º 168;

9b - n.º 171;

9c - n.º 197.

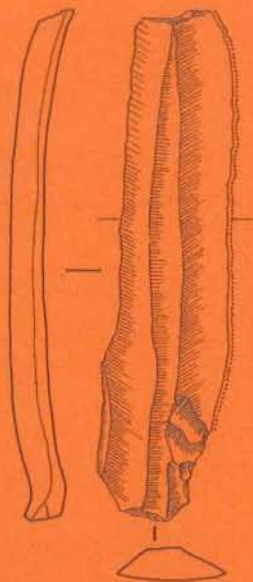
Figura 10 - Lâminas da fase plena de  
debitagem retocadas.

10a - n.º 180;

10b - n.º 181;

10c - n.º 175.

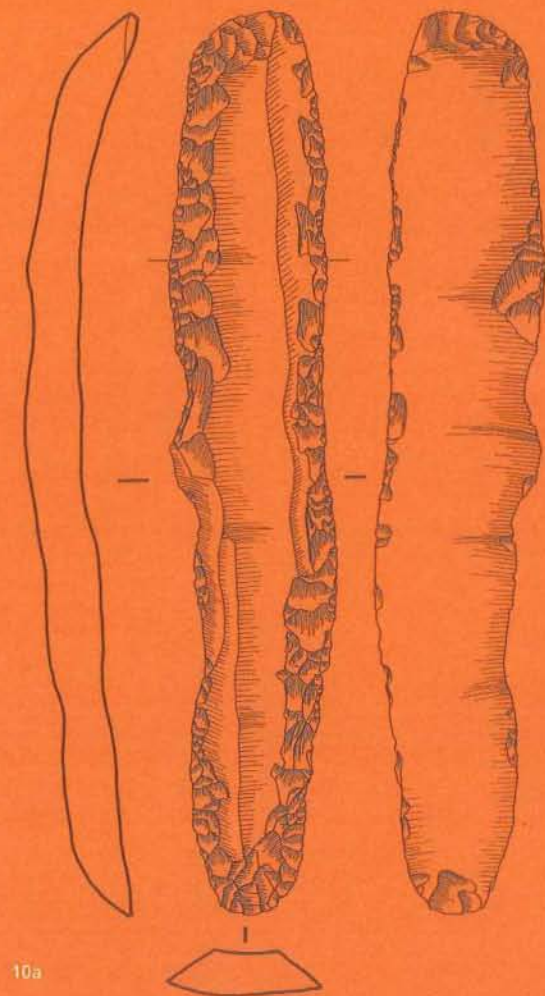
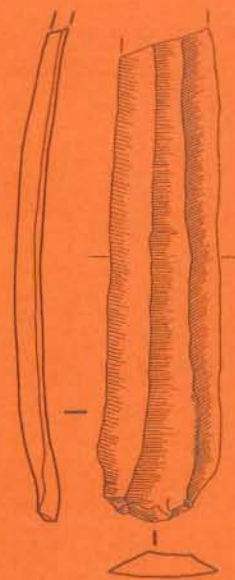
9a



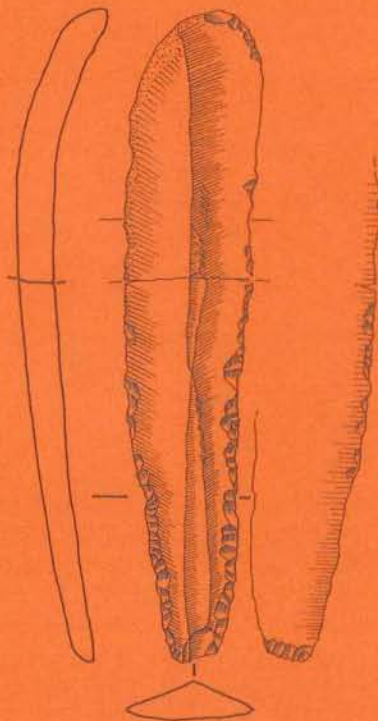
9b



9c



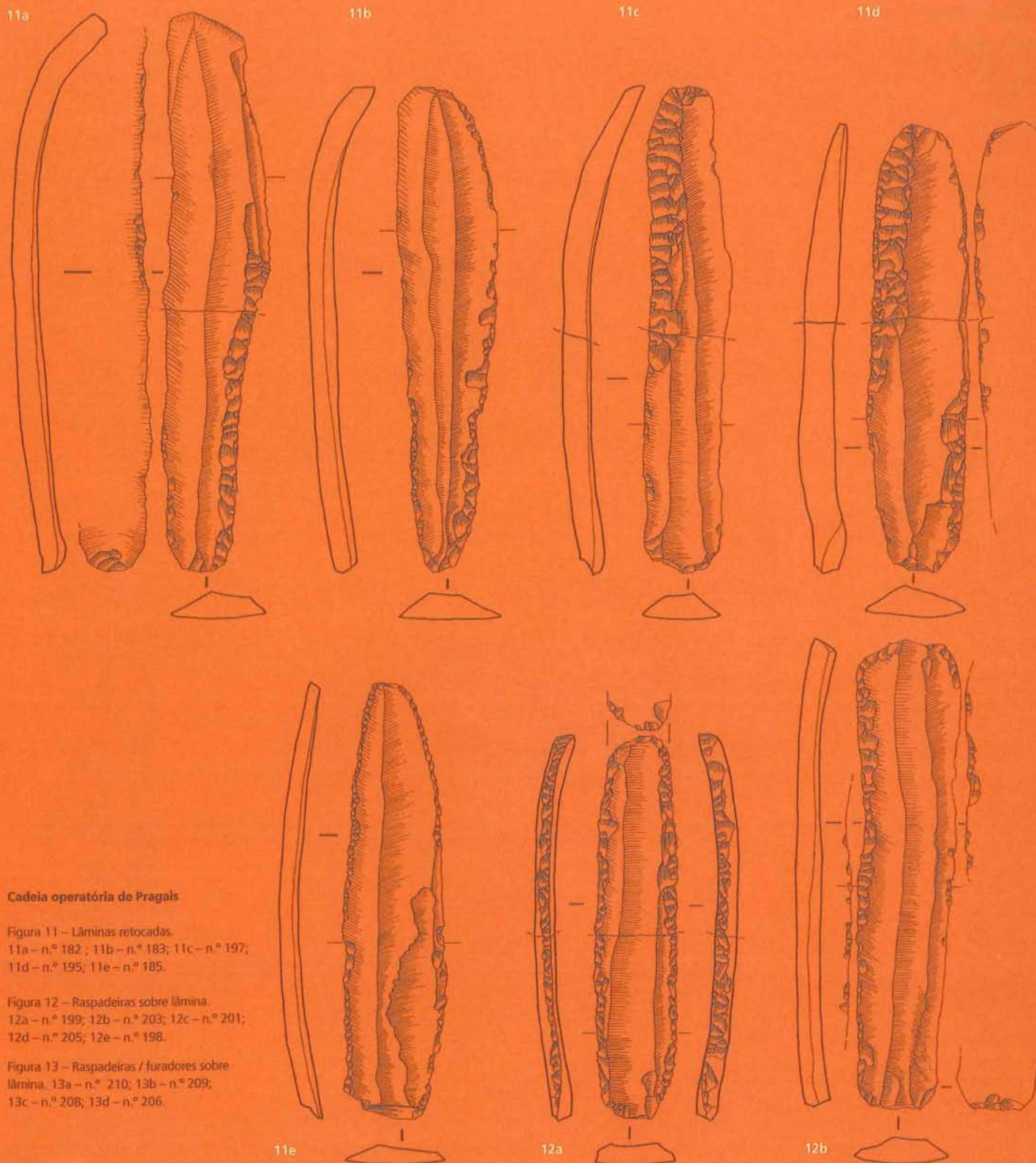
10a



10b



10c



**Cadeia operatória de Pragais**

Figura 11 – Lâminas retocadas.

11a – n.º 182; 11b – n.º 183; 11c – n.º 197;  
11d – n.º 195; 11e – n.º 185.

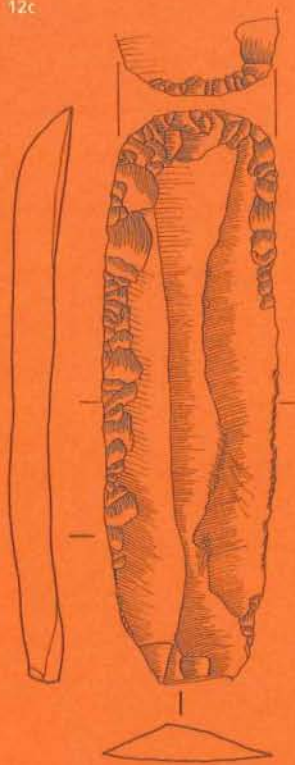
Figura 12 – Raspadeiras sobre lâmina.

12a – n.º 199; 12b – n.º 203; 12c – n.º 201;  
12d – n.º 205; 12e – n.º 198.

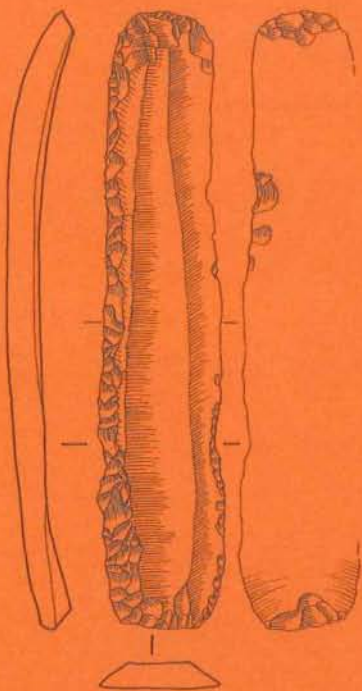
Figura 13 – Raspadeiras / furadores sobre

lâmina. 13a – n.º 210; 13b – n.º 209;  
13c – n.º 208; 13d – n.º 206.

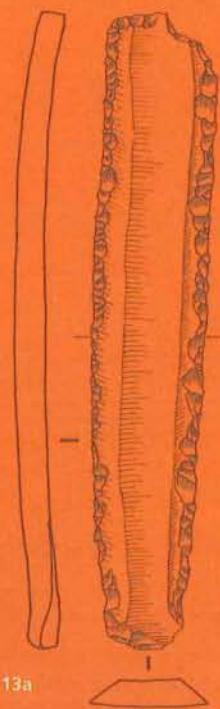
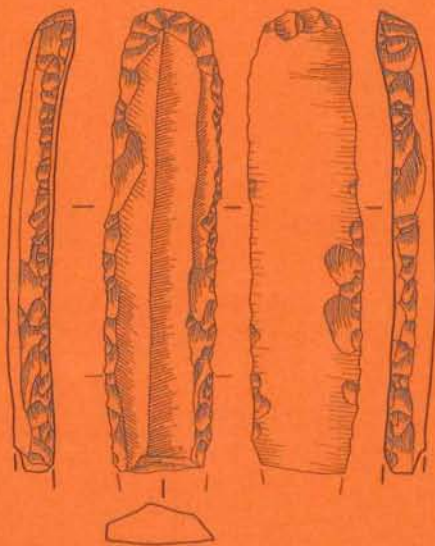
12c



12d



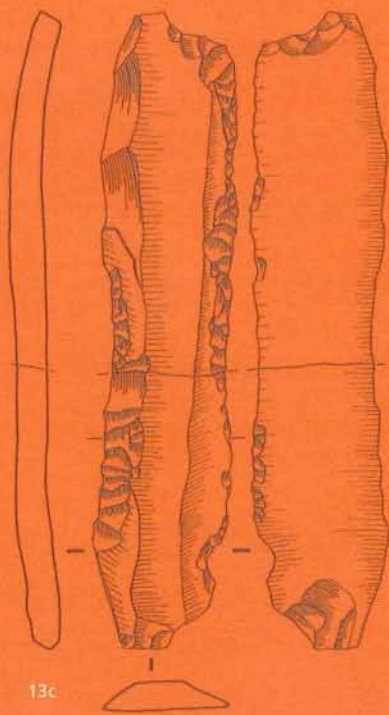
12e



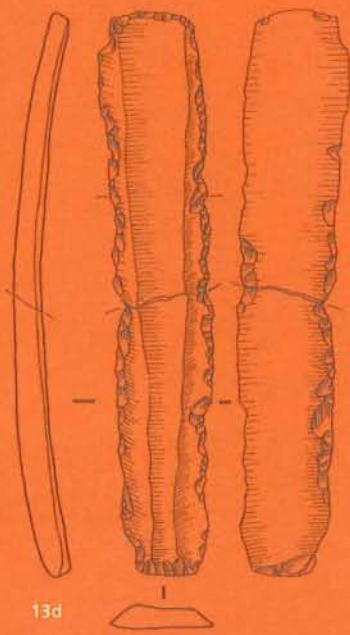
13a



13b

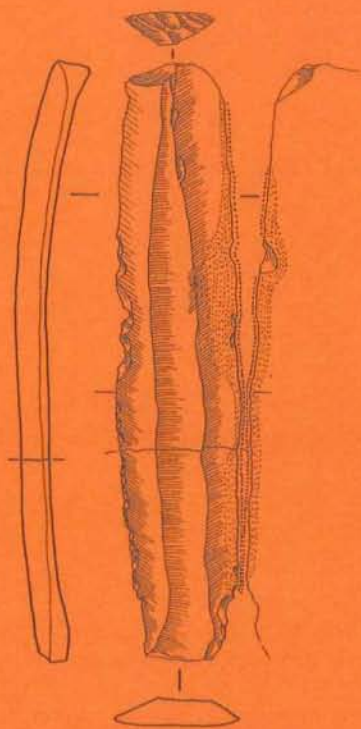


13c



13d

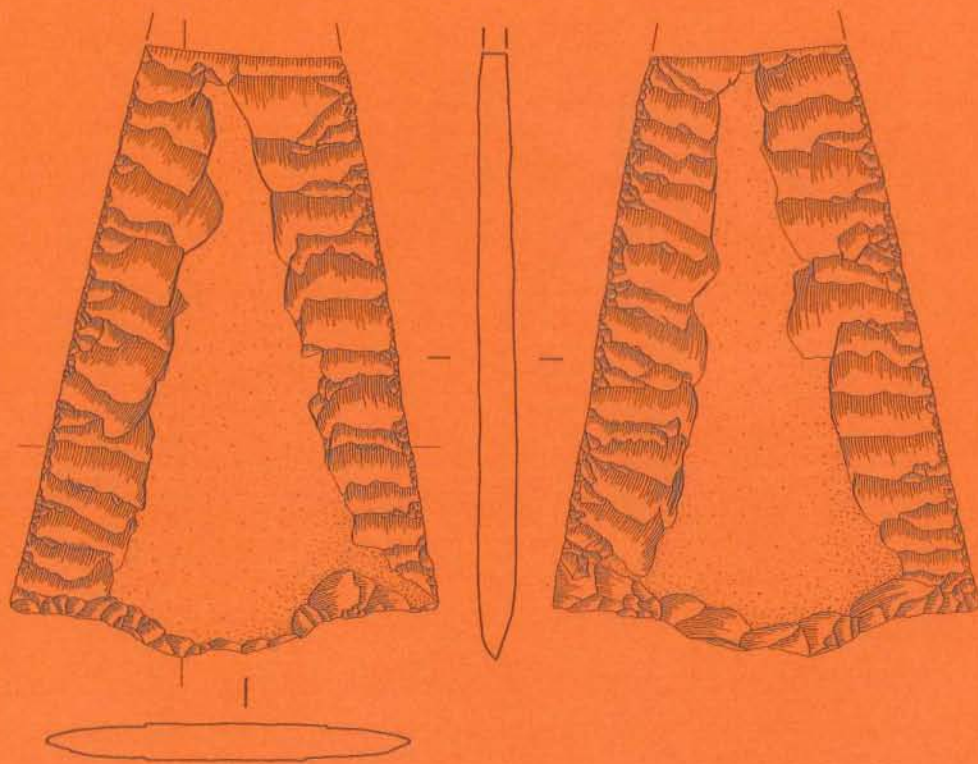
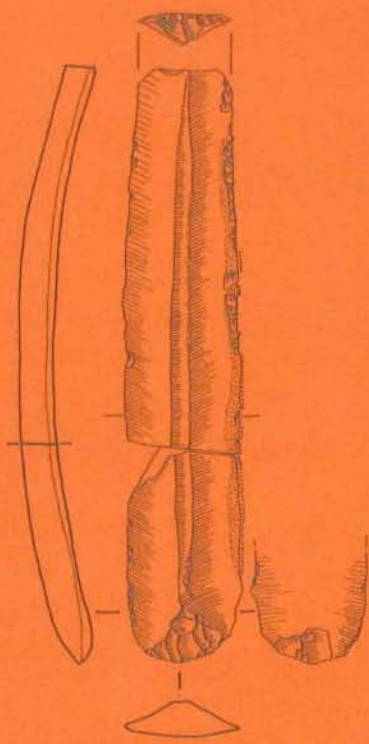
14a



14b



14c



15

#### Cadeia operatória de Pragais

Figura 14 – Raspadeiras / furadores sobre lâmina. 14a – n.º 177; 14b – n.º 176; 14c – n.º 204.

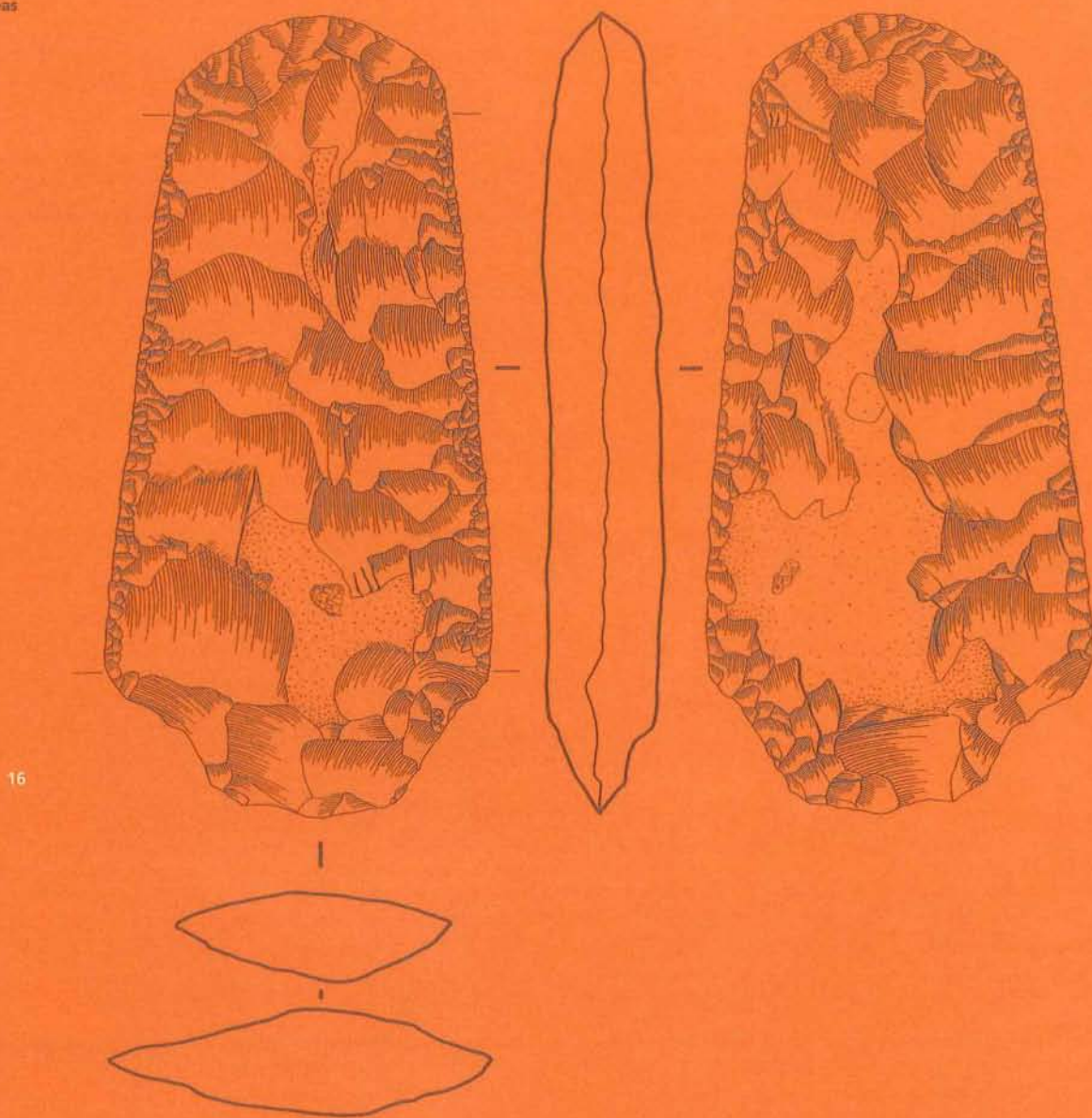
#### Grandes pontas bifaciais foliáceas

Figura 15 – Alabarda n.º 211.

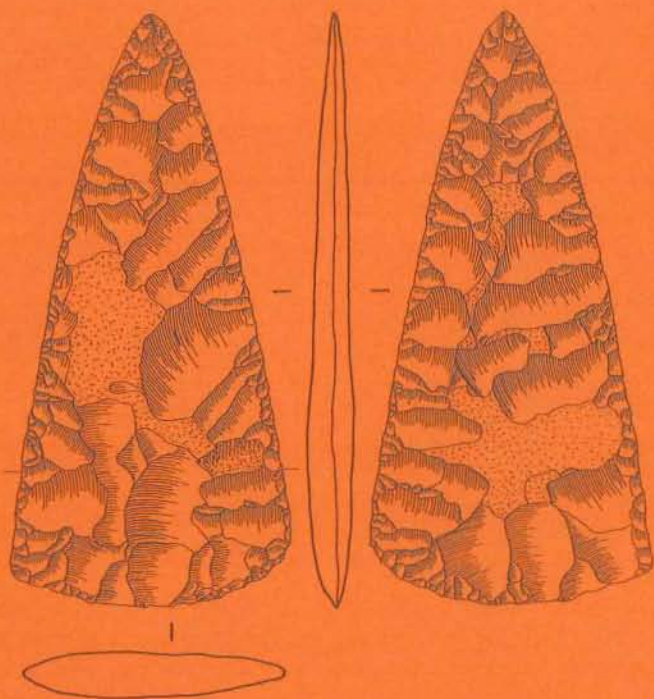


Grandes pontas bifaciais foliáceas

Figura 16 – Alabarda n.º 212.

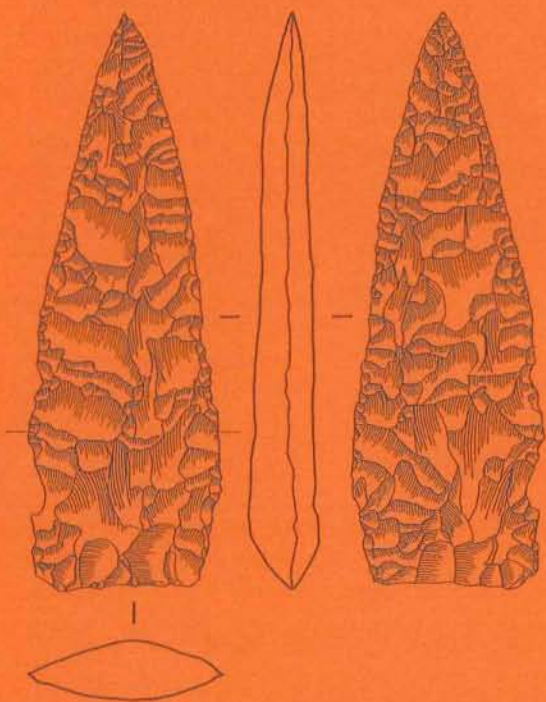


17a

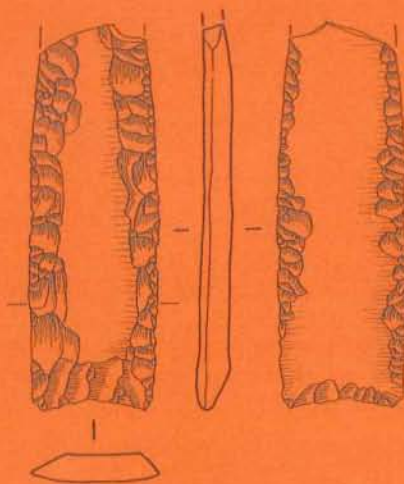


Grandes pontas bifaciais foliáceas

Figura 17 - Punhais. 17a - n.º 215;  
17b - n.º 214; 17c - n.º 213.



17b



17c



Figura 18 – Goiva de pedra polida n.º 216.

Figura 19 – Placa de xisto com gravação geométrica n.º 220.

